

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Ciências Sociais  
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC

IURI PIERONI DE LIMA

**“Brachilenos” e outros recortes migratórios:  
elementos significativos da imigração brasileira em Santiago do Chile**

Brasília  
Março de 2017

IURI PIERONI DE LIMA

**“Brachilenos” e outros recortes migratórios: elementos significativos da imigração  
brasileira em Santiago do Chile**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
CEPPAC – Centro de Pesquisa e Pós  
Graduação Sobre as Américas, Instituto de  
Ciências Sociais, Universidade de Brasília  
como requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Migrações Internacionais e  
Fronteira nas Américas

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti

Brasília

Março de 2017

IURI PIERONI DE LIMA

**“Brachilenos” e outros recortes migratórios:  
elementos significativos da imigração brasileira em Santiago do Chile**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
CEPPAC – Centro de Estudos e Pós  
Graduação Sobre as Américas, Instituto de  
Ciências Sociais, Universidade de Brasília  
como requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti  
orientador  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Daisy Margarit Segura  
Membro externo  
Universidad Central de Chile

---

Profa. Dra. Délia Dutra  
Membro Interno  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Jacques Novión  
Universidade de Brasília  
Suplente

## AGRADECIMENTOS

Pelo apoio e orientação aos professores Drº Leonardo Cavalcanti; Drª Iskra Pavez; Drº Cristiano Guedes.

As instituições que foram parceiras no desenvolvimento da pesquisa: Departamento de Migración de Quilicura; Departamento de Migración de Recoleta; Universidad Bernardo O'Higgins; Universidad Alberto Hurtado; Universidad de Chile - Departamento de Sociología - FACSÓ; Organización Internacional de Migraciones - OIM; Instituto Nacional Chileno de Migrações Internacionais - INCAMI; Departamento de Extranjería de Chile; Consulado do Brasil em Santiago - Chile; Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília; Fundo de Apoio à Pesquisa do DF - FAP/DF;

A minha família, em especial meu pai José Gustavo Leyendecker, minha mãe Maísa Pieroni de Lima, minha irmã Ana Cláudia Pieroni de Lima e meu irmão Ivo Augusto Pieroni de Lima.

A Marília dos Santos Prazeres, pela presença constante em minha vida.

As grandes amigas e companheiras de mestrado Renata Monteiro, Cristabel López e Renata Matos.

A todos aqueles que estiveram presentes na etapa do mestrado, em Brasília e em Santiago, que me receberam e me incentivaram.

## RESUMO

Aborda-se o tema das migrações internacionais dando principal relevância às “migrações sul-sul”. A pesquisa tem como objetivo traçar o histórico da imigração brasileira para o Chile a partir da década de 70. Como metodologia utiliza-se da pesquisa qualitativa com observação participante e técnica da ‘bola de neve’. Entender as características dos diferentes fluxos dentro de cada contexto através de relatos de vida dos sujeitos migrantes. Desenvolvimento das categorias de análise para interpretar a experiência dos participantes da pesquisa em base dos debates atuais do campo dos estudos migratórios. A pesquisa retrata casos de imigrantes que possuam laços parentais ou tenham fortalecidos relações afetivas com cidadãos chilenos/as, assim como motivos laborais. Há também casos excepcionais de descendentes de brasileiros/as que foram perseguidos pela ditadura militar chilena (1973-1990), em uma perspectiva de retratação histórica. Trago revisão de literatura sobre o campo teórico dos estudos migratórios abordando temas como feminização das migrações, discriminação racial e precarização do trabalho.

Palavras-chave: Migrações Internacionais; Migrações Sul-Sul; Imigração Brasileira; Imigração no Chile; Intermarriage.

## RESUMEN

Abordaje del tema de las migraciones internacionales con principal relevancia a las “migraciones sur-sur”. La investigación tiene como objetivo trazar el histórico de la inmigración brasileña a Chile, a partir de la década de los 70. Se utiliza como metodología la investigación cualitativa, con observación participativa y la técnica ‘bola de nieve’. Se busca entender las características de los distintos flujos dentro de cada contexto, a través de relatos de vida de los sujetos migrantes. Desarrollo de las categorías de análisis, basadas en los debates actuales del campo de los estudios migratorios, para interpretar la experiencia de los participantes de la investigación. La investigación retrata casos de los inmigrantes que poseen lazos parentales, relaciones afectivas con ciudadanos/as chilenos/as, o por motivos laborales. Hay también casos excepcionales que involucran descendentes de brasileños/as, perseguidos por la dictadura militar chilena (1973-1990), entregando una perspectiva de retratación histórica. Dentro del campo teórico de los estudios migratorios, existe además, una revisión de literatura sobre temas como feminización migratoria, discriminaciones raciales y precarización del trabajo.

Palabras llaves: Migración Internacional; migración sur-sur; Inmigración brasileña; Inmigración a Chile; Intermarriage.

## ABSTRACT

The approach of this investigation is about international migration mainly considering “south-south immigration”. The research present as objective drawing the Brazilian immigration history towards Chile, since the 1970’s. The methodology used is qualitative and based on the “snowball” technique. To understand the features of the different influx inside every context through the life of the immigrants’ reports. Development of categories of analysis to interpret the experience of those who participate in the research in basis of the actual debates in the field of migration studies. The sample of this research was made with those immigrants who have parents or have strained relationships with chilean citizens. The research also shows the exceptional cases of Brazilian descendants who have been persecuted by the Chilean military dictatorship (1973-1990) in a perspective of historic retraction. It also address a literature revision about the theoretical field of the migration studies regarding topics related to female immigration, racial discrimination, and precariousness of the work environment.

Key words: International migrations; South-South migration; Brazilian immigration; Immigration in Chile; Inter marriage.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ACNUR	Alto Comissionado das Nações Unidas para Refúgio
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CELADE	Centro Latinoamericano de Demografia
CEPAL	Comissão econômica para América Latina e Caribe
ILADES	Instituto Latinoamericano de Doctrina y Estudios Sociales
INCAMI	Instituto Católico Chileno de Migración
IMILA	Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OIM	Organización Internacional para las Migraciones
OMIN	Fondo Multilateral de Inversiones
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
UNDESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
CAP. 1. CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES .....	11
1. Migrações Regionais, Latinoamericanas .....	11
2. Fluxo migratório ao Chile, Perspectiva das Migrações Sul – Sul .....	12
3. Metodologia.....	16
CAP. 2. A DIÁSPORA BRASILEIRA E A PRESENÇA DESSE COLETIVO NO CHILE 20	
1. Diáspora Brasileira no mundo .....	20
2. Imigração brasileira na América do Sul .....	21
3. Migração e Exílio entre Brasil e Chile nas décadas de 70 a 90, ditaduras militares 23	
4. Dados e Perfil demográfico da imigração brasileira ao Chile .....	26
CAP. 3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O FENÔMENO MIGRATÓRIO ....	29
1. Migração em contexto afetivo e familiar.....	33
2. Feminização das Migrações.....	36
3. Migrações na América Latina em contexto político.....	38
4. Identidade e Mercado Cultural .....	40
CAP. 4. COLETIVO BRASILEIRO EM SANTIAGO DE CHILE .....	43
1. Contexto do trabalho de campo, período e características dos entrevistados.....	43
2. Entrevistas .....	44
<i>ENTREVISTAS QUALIFICADAS E GOVERNO</i> .....	44
<i>AFETIVA E FAMILIAR</i> .....	48
<i>FILHOS/AS DO EXÍLIO</i> .....	55
<i>QUESTÕES DE GÊNERO E ASSÉDIO</i> .....	58
<i>IDENTIDADE E CULTURA</i> .....	62
<i>ESTUDANTES E MERCADO DE TRABALHO</i> .....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXO 1.....	82
ANEXO 2.....	83

## INTRODUÇÃO

Falar sobre fluxos migratórios na perspectiva do sujeito migrante é falar de anseios, de esperança, de desejo de mudança, de expectativas pessoais. É refletir sobre o direito que todos possuímos de ir e vir. Entender que estamos em um mundo que deve ser compartilhado, que as fronteiras entre os países não podem representar muros intransponíveis. Independente dos motivos que levam os indivíduos a saírem de seus países de origem, a resposta que as sociedades receptoras devem dar precisa ser coerente e justa.

As ciências sociais e o pensamento acadêmico podem orientar a resposta que o Estado e a sociedade precisam no que se refere a interação com seus fluxos migratórios. Para atuar com qualquer que seja o fenômeno social que ocorre é preciso primeiro conhecê-lo. As informações que chegam através dos canais de comunicação massivos, tais quais televisão, internet, jornais e revistas, podem retratar tal fenômeno de forma parcial e/ou tendenciosa.

Nesse sentido, trago nesta dissertação as análises e resultados de uma pesquisa de dois anos sobre a imigração brasileira a Santiago do Chile. Há limitantes em uma pesquisa onde um só pesquisador realiza um trabalho de campo de apenas seis meses com um grupo tão diverso como é o de brasileiros no exterior. Ciente que todo trabalho investigativo possui suas limitações e avanços, esta dissertação aborda uma experiência migratória ainda não explorada pelo espaço acadêmico e que devido a impossibilidade do campo não se propõe a retratar todo o coletivo - e sim uma amostra que seja representativa.

A temática das migrações internacionais é presença constante na história da humanidade, em suas mais diversas realidades, ainda que em cada momento possua especificidades. Estima-se que atualmente o número de migrantes em todo o mundo alcance 244 milhões de pessoas, e desse total, 20 milhões estejam em condição de refúgio, segundo informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UNDESA)<sup>1</sup>. Nas últimas décadas, o fenômeno vem ganhando cada vez mais protagonismo no debate da mídia e no cenário político internacional.

No atual momento histórico tem sido uma preocupação a caráter mundial o tema das migrações. Com o avanço do processo de globalização gerou-se o intercâmbio mais livre e intenso de tecnologia, comunicação, informação, conhecimento, temporal, financeiro, cultural e de mobilidade humana, esse último talvez o menos livre e mais preso ao rigor nacionalista.

---

<sup>1</sup>Sigla em inglês: United Nations Department of Economic and Social Affairs.

Sobre o fenômeno da globalização, Saskia Sassen (1998) desenvolve a partir de seu impacto com a sociologia urbana. A autora traz o conceito de cidades globais, das quais exercem função catalisadora devido a seu potencial de influência e poder - econômico, cultural, social, político, etc - em caráter regional, global e transnacional. As cidades globais podem ser encontradas em todos os continentes, mesmo que com suas particularidades. Uma característica dessas cidades nos países latino americanos e caribenhos está no que Sassen chama de *primazia* em oposição ao que ela considera *equilíbrio*.

Para Sassen (1998) as cidades globais funcionam como pólos urbanos que conectam e gestionam capital financeiro e setores de serviços especializados, por via do capital humano e investimento estrangeiro. No contexto latino americano e caribenho, essas cidades seguem um modelo de concentração, tanto de população, como emprego e do PIB (Produto Interno Bruto). Como característica está sua dimensão desproporcionalmente grande em relação a outras cidades do mesmo país, e sua contínua capacidade de crescer mais - devido ao seu poder de atração. Cidades como Cidade do México, São Paulo, Buenos Aires e Santiago de Chile seguem esse padrão.

Assim, as migrações internacionais atuais são parte do novo contexto de globalização e de cidades globais. A imigração contemporânea ganha novo impulso e condições materiais que antes não possuía. Através de suas redes de contato os imigrantes vão por trabalho, seja com documentação ou não autorizados, fortalecendo uma nova dinâmica de mercado incluída dentro da sociologia da globalização, consequência do avanço das tecnologias da informação e de comunicação (Sassen: 2007).

A temática das migrações internacionais é dinâmica e multifacetada. As experiências que os migrantes vivenciam variam muito a depender do país de origem e do país anfitrião, da classe social da qual faz parte, da fisionomia do indivíduo, das questões de gênero, dos objetivos do sujeito, da rede de contatos, do apoio familiar, etc.

Assim, a pesquisa inicialmente elabora através de uma síntese a trajetória histórica dos movimentos migratórios até a contemporaneidade, fornecendo informações fundamentais para entendermos em qual etapa desse fenômeno estamos vivenciando atualmente, a partir do recorte regional delimitado. Em seguida propomos a metodologia que foi utilizada visando a obtenção de dados e o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 2 é abordado o fenômeno da intensificação do fluxo de saída de brasileiros com destinos variados, depois do fluxo regional até a particularidade da chegada ao Chile. Capítulo 3 são aprofundadas questões de cunho teórico, que são determinantes para a análise das experiências do coletivo brasileiro no Chile, e para o avanço do campo de

estudos das migrações internacionais. No quarto, e último capítulo, expõe-se os dados da pesquisa de campo realizada junto ao coletivo brasileiro em Santiago de Chile e o debate com as categorias teóricas. A pesquisa é concluída com as considerações finais.

## CAP. 1. CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES

### 1. Migrações Regionais, Latinoamericanas

Em uma perspectiva regional, latino americana e caribenha, é grande a familiaridade com o tema. Isso porque a América tem em sua história uma forte ligação com os fenômenos migratórios, pois tirando as populações nativas, todos no continente são descendentes seja de fluxos migratórios ou diaspóricos. Os processos socioculturais e de desenvolvimento histórico político e econômico da região, principalmente a partir da colonização europeia, resultaram em grandes movimentações.

Considerada terra de ninguém pelos colonizadores europeus, a América é repovoada e tornase palco do maior genocídio já protagonizado pela humanidade. Durante seus cinco séculos de história moderna o continente convive com a luta dos povos nativos pela sobrevivência, a pressão dos europeus, e seus descendentes, pelo domínio das terras e das riquezas, e com a tentativa de libertação do povo negro – em condições de escravidão e pós escravidão.

Dos processos de formação dos Estados nacionais até meados do século XX, a América Latina foi um grande polo receptor de imigrantes, provenientes principalmente da Europa. Contudo, depois dos anos 1960 o fluxo, norte – sul, se inverte e temos uma maior imigração das populações latino-americanas com destino aos países europeus e norte-americanos Já entre os países latino-americanos a circulação populacional era focalizada entre alguns destinos, e, em sua maioria estavam relacionados à regiões de fronteira e a fuga de conflitos e regimes políticos autoritários (Baeninger, 2003).

Os fluxos migratórios entre os países da América Latina vêm, década após década, tornando-se mais expressivos. “De fato, de um estoque acumulado de 1.218.990 latino-americanos e caribenhos residindo, em 1970, em países da região diferentes do de nascimento, passou-se a 1.995.149, em 1980, alcançando 2.242.268 migrantes intra-regionais, em 1990” (Baeninger, 2003:323).

Acompanhando o contexto mundial, os fluxos migratórios transregionais são inconstantes e imprevisíveis. É certa a relação com aspectos econômicos nacionais, ou seja, os países que estejam em momentos de estabilidade política e econômica são mais visados como países destinos. Destaque as características econômicas da região, que promovem

ciclos de desenvolvimento capitalista típico dos países periféricos dentro do cenário geopolítico mundial<sup>2</sup>.

Países como Argentina e Venezuela na década de 70 e 80 eram grandes potências regionais, o que certamente influenciava em suas altas taxas de recebimento de imigrantes latino americanos. Ao longo das décadas seguintes, Chile e Brasil desenvolvem seus mercados e avançam como pólos econômicos, o que levou a mudanças no cenário migratório regional.

Outro fator determinante dos fluxos migratórios regionais é a violência, que possui historicamente um peso forte. Desde períodos mais antigos, passando pelos anos de regimes autoritários até épocas mais atuais, a violência corrobora para a fuga aos países vizinhos, e, quando reduzida, conduz ao movimento de retorno ao país de origem. Durante décadas a Colômbia foi o principal exemplo regional desse movimento, como consequência dos intensos deslocamentos internos acabou gerando também um dos principais fluxos trans-regionais e de busca de refúgio aos países da região (Baeninger & Patarra, 2004).

Como marco temporal 2013, com a morte do líder popular Hugo Chávez na Venezuela, surge um quadro de tensão política e econômica, gerando aumento da violência no país. Como consequência dessa situação, ano após ano, o fluxo migratório de venezuelanos na região tem se tornado mais expressivo.

Com a consolidação de acordos e blocos econômicos regionais, temas como a flexibilização das leis migratórias para cidadãos de determinados países entram em pauta. Medidas que visam maior integração são aprovadas e geram maiores facilidades de mobilidade de mercadorias e de pessoas. Com o bloco regional Mercosul, são pensadas formas de retirar vistos temporários e vistos de trabalho o que certamente trouxeram maiores oportunidades de circulação entre seus países membros ou associados.

## **2. Fluxo migratório ao Chile, Perspectiva das Migrações Sul – Sul**

Sobre o Chile, o país recebeu e exportou fluxos migratórios variados. Segundo Stefoni (2011) o país recebeu seu maior fluxo migratório durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, com maior concentração de peruanos (20%) e bolivianos (16%) que

---

<sup>2</sup> Sobre os ciclos econômicos da região, a *teoria da dependência* fornece rico material sobre o assunto. Autores como Celso Furtado (Formação econômica do Brasil, 1959), Raul Prebisch (El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas; O pensamento da Cepal, 1968), Teotonio dos Santos (El Nuevo Carácter da Dependencia, 1967; Imperialismo y Dependencia, 1978); entre outros.

acompanhavam a ascensão da metalurgia na região norte. Durante o século XX, intensificou-se a imigração ultramar, representando 70% do fluxo, entre os principais representantes estavam espanhóis, árabes e cidadãos da antiga Iugoslávia (Stefoni, 2011:35).

No contexto de migrações latino americanas no Chile diferentes coletivos nacionais possuem reivindicações específicas, o que também não impede de terem pontos em comum. Existe uma relação de como eles são identificados pela sociedade chilena a partir de seu coletivo nacional e com isso suas reivindicações são relativamente particulares. Nesse sentido o coletivo de haitianos buscam melhor inserção no mercado de trabalho, superação das barreiras linguísticas, aceitação racial-cultural e igualdade institucional - diminuição de barreiras que dificultam a regularização migratória. Outra problemática deste coletivo é na dificuldade de validação dos diplomas educacionais<sup>3</sup> (Pedemonte et. al. 2015).

Peruanos e bolivianos reivindicam seu pertencimento histórico como imigrantes ao país e possuem maior envolvimento político. Exigem reconhecimento pela sua participação histórica, econômica e cultural, devido a esses coletivos serem mais constantes e já se encontrarem na 2ª e 3ª etapa geracional<sup>4</sup> (Hein, 2012).

A imigração argentina ao Chile é uma das mais intensas e antigas, contudo não parece configurar como uma problemática social ou tema de investigação acadêmica. Um dos possíveis fatores associados a isso pode ter relação com o recorte da academia, onde há mais estudos voltados a coletivos marginalizados do que a grupos que se encontram na mesma esfera social. Outros possíveis fatores são: fluxos migratórios equivalente entre ambos países (43% dos chilenos emigrantes estavam na Argentina em 2009), melhores relações diplomáticas, maior integração sociocultural, entre outros (Araújo et al, 2002; Cano y Soffia, 2009).

O caso dos colombianos envolve problemáticas próprias devido à situação de ser um país em contexto de guerra civil, o que pode colaborar a um suposto estigma relacionado a violência e delinquência. Soma-se o fato de serem os imigrantes americanos pré-dispostos a solicitar a condição de refúgio. A possibilidade de entrar no país com o pedido de refúgio associada a uma imagem negativa do coletivo colombiano, pode gerar graus de desconfiança

---

<sup>3</sup> Segundo entrevista com funcionário do *Departamento de Atención al Inmigrante de la Provincia de Quilicura*, o caso dos haitianos é complexificado por dificuldades para validar seus graus educacionais, inclusive o básico e médio. Necessitam realizar então o “*examen libre*”, uma prova realizada em três datas diferentes do ano. Informação confirmada pelo sitio do Ministério da Educação do Chile: <https://www.chileatiende.gob.cl/fichas/ver/2230>

<sup>4</sup> “Los efectos de una migración no terminan en la generación de personas que abandonan su país de origen para instalarse en otro lugar, sino que también afecta la vida de sus hijos, y en algunos casos incluso la vida de los hijos de los hijos. En este sentido se habla de la existencia de migrantes de segunda y tercera generación” (Hein, 2012).

em instituições governamentais que operam com atividades migratórias, principalmente setores policiais<sup>5</sup>.

Da mesma forma que ocorre em contexto mundial, os distintos coletivos imigrantes, principalmente sul americanos e caribenhos, se inserem de forma precária ao mercado laboral chileno. As barreiras que são postas no mercado de trabalho a esses imigrantes tendem a ser maiores que aos nacionais. Na prática isso significa que o imigrante mesmo sendo qualificado ocupa cargos de menor prestígio econômico e social. Isso porque o espaço destinado a eles no mercado laboral é o de setores de serviços e setores de base, como construção civil e limpeza.

A busca pela cidadania, resultado da capacidade de incorporar o imigrante como um sujeito de direitos, encontra diversos obstáculos. Isso devido a estrutura institucionalizada das relações interétnicas das sociedades receptoras. Essas relações estão reguladas tanto na moral societária quanto juridicamente, o que confere a elas forte peso na configuração das relações entre imigrantes de diferentes nacionalidades junto a população nativa (Cardoso de Oliveira, 2006).

Já durante as décadas de 70 e 80 houve um aumento considerável do fluxo de emigração chilena com principal destino a Argentina (destino histórico da emigração chilena) e Equador. Esses fluxos foram consequência de intensas perseguições políticas do período da ditadura militar de Augusto Pinochet e da instabilidade econômica no país. Paralelo a esse movimento de saída de chilenos do país, a imigração também foi decaindo até alcançar sua menor taxa (0,7%) em 1982 (Stefoni, 2011: 35).

Mesmo não sendo numericamente tão expressivo, o fenômeno migratório entre o Chile e o Brasil possui características relevantes. Em relação ao fluxo migratório de brasileiros ao Chile e vice-versa temos que o Brasil historicamente apresenta um maior número de chilenos. Entre o período de 1960, 1980 e 1991, dados mostram a entrada de chilenos ao Brasil foi de 1,4 mil, dando um salto para 17,8 mil e 20,4 mil respectivamente (Baeninger, 2003: 331). A autora destaca a partir dos dados do IMILA/CELADE (2000) que “chama a atenção o pico de entradas de chilenos no Brasil entre 1975-1979, provavelmente em função do regime político do país nesse período, com a diminuição entre 1980-1984 e ligeiro aumento entre 1984-1985; no início dos anos 90, as entradas anuais decresceram”. (Baeninger, 2003: 359).

---

<sup>5</sup> Relato presente na fala de um funcionário do *Departamento de Atención al Inmigrante de la Provincia de Quilicura* onde diz que a PDI (*Polícia de Investigaciones de Chile*) sinalizou que muitos colombianos que entram em território chileno utilizam a condição de refúgio como estratégia consciente, no caso de não possuir o visto de entrada. A polícia estaria então investigando mais atentamente esses pedidos, inclusive expulsando aqueles que estariam utilizando do recurso erroneamente.

Entre os brasileiros no Chile, de acordo com dados do IMILA/CELADE constam apenas 930 em 1970, subindo para 2.076 em 1982, chegando a 4.610 em 1992. É interessante notar que segundo esses dados, nos anos 90, dos 114.597 estrangeiros que viviam no Chile, 66.259 eram latino-americanos, e somente 4.610 brasileiros, o que representavam 6,96% do total latino-americano no país.

A estabilidade política e econômica do Chile favoreceu seu fortalecimento como país destino. Entre os anos de 1990 a 2013 foi o país sul-americano que mais cresceu o número de imigrantes, alcançando 291.000 pedidos de residência temporal (Arriagada Luco, 2014:14). Essas migrações caracterizam um novo padrão migratório no país. São imigrantes em busca de mercado de trabalho, provenientes de países vizinhos e concentrados na região metropolitana de Santiago. Entre outras características do fluxo migratório recente ao Chile estão: inserção segmentada ao mercado de trabalho; crescente diversificação dos países de origem; feminização da migração; e concentração em idade laboral (Stefoni, 2011: 31-34).

Sobre a inserção segmentada ao mercado de trabalho, destaca-se a diferenciação por origem relacionado ao posto de trabalho ocupado no Chile. Nesse sentido, coletivos nacionais de peruanos e bolivianos se encontram em postos laborais de baixo prestígio e remuneração em relação, por exemplo, aos argentinos que se encontram em postos laborais diversos (Stefoni, 2011:34).

Atualmente, os países que compõem o Mercosul (seja como participantes diretos ou como convidados) possuem tipos de acordos de cooperação, entre eles o que estipula facilidades na mobilidade regional - possibilidades mais simples para conseguir visto temporário, de trabalho ou residência -, e outros tanto de caráter econômico, social, educacional. Esses tipos de cooperação incidem sobre o movimento migratório uma vez que, quando empresas brasileiras entram no mercado chileno, ou vice-versa, trabalhadores especializados desses países entram junto. No geral, acordos de cooperação bilateral geram proximidade laboral, afetiva, cultural, política, etc.

Diante desse quadro da migração sul-sul, a pesquisa teve como objetivo traçar o histórico da imigração brasileira para o Chile a partir da década de 70. Entender as características dos diferentes fluxos dentro de cada contexto através de relatos de vida dos sujeitos migrantes. Desenvolvimento de categorias de análise utilizadas no campo teórico para interpretar a experiência migratória dos participantes da pesquisa tendo como base outros estudos atuais do campo. O foco da investigação é no fluxo migratório de brasileiras/os para Santiago com o propósito principal de relacionamentos afetivos estáveis (homossexuais ou heterossexuais), laboral ou por motivo de linhagem familiar.

Como problema de pesquisa trago a falta de informações sobre a trajetória e experiências do coletivo imigrante brasileiro em Santiago do Chile. Assim, as perguntas que a pesquisa pretende responder são: em qual contexto surge os primeiros fluxos migratórios de brasileiros/as ao Chile? Como é o fluxo migratório atual de brasileiros/as a Santiago do Chile? Quais as principais razões que levam um/a brasileiro/a a se mudar para Santiago do Chile? Quais os principais problemas enfrentados pelos/as brasileiros/as que decidiram viver nessa cidade? Como funciona a integração do/a brasileiro/a com a sociedade chilena?

### **3. Metodologia**

A justificativa para a realização da pesquisa com brasileiros que estavam vivendo em Santiago do Chile foi devido a maiores possibilidades de aproximação com esse coletivo, já que o fator viabilidade é determinante para uma pesquisa bem sucedida. Assim, o pesquisador enquanto brasileiro e em condição de imigrante em Santiago, vivenciou uma experiência investigativa da qual ele próprio esteve em posições sociais próximas aos participantes da pesquisa. Outro fator foi a pertinência e a importância de realizar uma pesquisa sobre o coletivo brasileiro no Chile, que até então, não havia sido encontrado nenhum outro trabalho acadêmico que abordasse em completo esse tema.

A metodologia da pesquisa foi estruturada de forma a abarcar três esferas relacionadas à vivência dos imigrantes brasileiros em Santiago do Chile: estudos dos fatores institucionais; estudo dos fatores sócio-econômicos (sustento econômico e vida laboral) e estudo dos fatores psico-sociais (relação com a comunidade e experiências pessoais).

Em uma primeira etapa da pesquisa buscou-se alcançar o maior contingente de brasileiros para avaliação de perfil demográfico, a partir de uma enquete virtual. O coletivo foi buscado através da rede social “Facebook” em comunidades virtuais de brasileiros em Santiago. Essa ferramenta não serviu ao propósito uma vez que a adesão em participar da enquete foi numericamente baixa, e as respostas por demais genéricas.

Assim, a etapa da pesquisa de observação participante foi essencial para entender como é a rotina dos brasileiros em Santiago. Essa técnica consiste na participação ativa do pesquisador com a comunidade em questão. “Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (Marconi e Lakatos, 2012: 79). A ideia é que o pesquisador vivencie experiências das quais o coletivo participante também vivencie. É a proposta de inclusão, de

imersão do pesquisador no ambiente e na comunidade investigada. Devido a minha posição ser de pertencimento do coletivo estudado todo o processo ocorreu de forma mais *natural*<sup>6</sup>.

Dessa forma, do coletivo acompanhei grupos diversos na cidade: grupos de jovens que vieram para estudar; homens e mulheres que se estabeleceram em Santiago devido a relacionamentos amorosos, aqueles que possuem família chilena, e pessoas que vieram para buscar emprego e melhorar sua condição econômica e profissional. Foram realizadas entrevistas em profundidade com indivíduos de grupos heterogêneos. Buscou-se entrevistas com brasileiros(as) de diferentes classes sociais, gênero, sexualidade, posicionamento político, regiões de origem, raça e religião. Essas diferenças foram encontradas baseadas nas informações fornecidas durante as entrevistas, conforme Anexo 2.

Ao todo foram realizadas 16 entrevistas em profundidade. Essas pessoas foram classificadas em 4 tipos de categorias, de acordo com seus relatos de vida, conforme tabela abaixo<sup>7</sup>:

Tabela 1. Quadro resumo com as entrevistas realizadas

Motivo da migração	Relacionamentos amorosos	Parentesco	Motivos laborais	Fatores políticos
Homens	0	0	4	1
Mulheres	7	4	0	0

A abordagem do estudo é qualitativa e as entrevistas foram realizadas com um roteiro flexível, com perguntas abertas. O modelo de entrevista utilizado se baseia na entrevista narrativa. Segundo modelo utilizado por Hein (2012) a entrevista narrativa é utilizada na pesquisa com a proposta de deixar o participante organizar seus temas de prioridade como lhe convier, isso é, através de um questionário aberto e não estruturado o participante sintá-se livre para discorrer sobre sua narrativa pessoal.

Os participantes foram selecionados para participar da pesquisa de duas formas diferentes. (i) Como o pesquisador não conhecia a comunidade brasileira em Santiago foi utilizada a técnica da *Bola de Neve* ou *Snowball* (Baldin; Munhoz, 2011). A técnica consiste

---

<sup>6</sup> Termo em oposição ao termo *artificial*, que segundo Marconi e Lakatos é quando o pesquisador tem que integrar em um grupo onde ele tem que obter informações externas a sua vivência pessoal (Marconi e Lakatos, 2012:79).

<sup>7</sup> Nos anexos sobre os entrevistados consta um 17º participante - Pedro. Contudo, na metodologia ele não foi considerado pois, em seu caso, foi realizado apenas uma entrevista informal com o sujeito, e não a entrevista em profundidade.

em um tipo de recrutamento em cadeia, onde após entrevistar um participante, este indicava algum de seus conhecidos que tivessem o perfil da pesquisa, e assim sucessivamente. Contudo, para evitar uma limitação que pode ser ocasionada pela técnica da Bola de Neve, onde a amostra pode ficar fechada em um mesmo ciclo social, buscou-se pela (ii) *heterogeneidade*, brasileiros/as que são referência devido ao cargo que ocupam ou pela sua influência dentro do coletivo. Além disso foram selecionados participantes que circulavam em espaços sociais comuns ao pesquisador e que possuíam as características da pesquisa.

O número dos participantes foi estipulado visando alcançar o máximo de representatividade, contudo não foi realizado uma mostra baseada em cálculos do número absoluto de brasileiros imigrantes em Santiago. O número utilizado de participantes da pesquisa foi definido até onde as histórias começavam a repetir-se, e quando a técnica “snowball” chegava ao seu limite, não havendo mais conhecidos diretos dos entrevistados.

Além das entrevistas em profundidade a imigrantes brasileiros em Santiago, também foram realizadas entrevistas a informantes chaves, especialistas e trabalhadores que atuam no tema das migrações em Santiago. Funcionários do governo, representante do consulado brasileiro em Santiago, profissional de uma organização internacional e professoras doutoras de distintas universidades. Há ainda entrevistas variadas, a exemplo de um chileno dono de um clube que ensina danças brasileiras e capoeira, entre outros participantes informais.

Em sua maioria, os participantes qualificados - aqueles que entram na pesquisa como especialistas do tema - foram acionados a partir de um colaborador chave, que forneceu os contatos e criou o canal de comunicação para que as entrevistas fossem possíveis. Contudo também houve contatos com professores e especialistas através da vivência no campo de pesquisa.

Foram ao todo oito especialistas entrevistados, caracterizados conforme anexo I. Quando necessário seus nomes foram alterados visando o anonimato, assim como suprimida características que pudessem identificar-los.

As entrevistas com os participantes qualificados foram feitas em formato semi-estruturado, com perguntas fechadas. As perguntas foram selecionadas visando o entendimento aprofundado do fenômeno migratório latino-americano ao Chile, especificamente a capital, Santiago. A partir do trabalho realizado pelo/a especialista foram pensadas perguntas próprias a sua área de conhecimento.

As instituições entrevistadas foram: Consulado do Brasil no Chile, *Departamento de Extranjería de Santiago*, *Departamento de Migraciones de Quilicura*, *Departamento de*

*Migraciones de Recoleta, Organización Internacional para las Migraciones - OIM, Instituto Católico Chileno de Migración - INCAMI e Amnistía Internacional.*

## CAP. 2. A DIÁSPORA BRASILEIRA E A PRESENÇA DESSE COLETIVO NO CHILE

### 1. Diáspora Brasileira no mundo

O Brasil é um país com um histórico amplo de recebimento de imigrantes. A grande oferta de terras férteis, a proximidade com a Europa (em relação a outros países sul-americanos), os incentivos governamentais com vista ao embranquecimento da população brasileira, avanço nos processos colonizatórios, sucessivas crises na Europa (superpovoamento, fome, guerras, doenças) promoveram esse quadro. Soma-se a imigração japonesa e outras (Cavalcanti et al. 2011).

O fluxo migratório começa a inverter na década de 60, chegando em sua máxima nas décadas de 80 e 90, devido, entre outras coisas, da transição ao regime democrático e a altas inflacionárias. Conhecida como “a década perdida” os anos 80 em termos econômicos significa a queda do poder aquisitivo da classe média brasileira. Essa emigração é em maioria para os países do norte, principalmente Estados Unidos e Europa Ocidental (Margolis, 1998; Cavalcanti et al., 2011).

No período de 2008, estima-se que pouco mais de três milhões de brasileiros tenham saído do país buscando melhores oportunidades de vida, mantendo estimativa similar em 2015<sup>8</sup>. Os Estados Unidos da América constituem o principal destino em dimensão mundial do coletivo brasileiro, com motivação principalmente laboral (Cavalcanti et al. 2011).

A imigração brasileira ao Japão se destaca pela predominância de brasileiros descendentes de japoneses, conhecidos como *dekasseguis*. A legislação japonesa condiciona a imigração à origem japonesa, dessa forma além de suprir o contingente do mercado de trabalho no país, evita a miscigenação étnica e cultural, promovendo uma imigração seletiva que seja similar ao povo japônes (Sasaki, 2007).

Na Europa, o principal destino em números absolutos é o Reino Unido, 120.000 em 2015, contudo a imigração para Portugal, com próximos 116.271 em 2015, ganha maior relevância. Isso porque o país historicamente possui maior tradição no recebimento de imigrantes brasileiros, na medida em que possui um fluxo mais constante desse coletivo. Devido a relação passada de metrópole e colônia, Portugal compartilha o mesmo idioma e proximidade cultural e histórica, além de possuir uma grande comunidade de descendentes.

---

<sup>8</sup> Dados do Ministério do Exterior do Brasil, dos anos de 2009 e 2015. Disponível no site <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/>

Por essas características Portugal se destaca como porta de entrada, ou destino inicial, para aqueles brasileiros/as que migram a Europa (Cavalcanti et al. 2011; Ministério das Relações Exteriores, 2016).

Existe também uma parcela menor de brasileiros em países da Oceania – concentrados principalmente na Austrália - Oriente Médio e África. De fato há representantes brasileiros/as em quase todos os países do globo, configurando uma emigração em constante crescimento e bastante diversificada (Cavalcanti, et al., 2011). No referente aos países da América Central e Caribe o número também é reduzido, sendo mais presentes na República Dominicana, 1200 (Cavalcanti, et al., 2011; Ministério das Relações Exteriores, 2016).

Na América do Sul o fenômeno migratório dos brasileiros em maior escala é relativamente recente e possui fluxo mais presente nos países que fazem fronteiras, como Paraguai, Argentina e Bolívia.

## **2. Imigração brasileira na América do Sul**

O Brasil teve uma colonização distinta ao restante da América Latina, a começar pela metrópole ser Portugal, e não Espanha como na maioria dos outros países da região. Isso acarretou diferenças históricas, e estruturais nas mais diversas esferas, seja na cultura, geografia, política, economia, religião, idioma.

Historicamente a relação entre as colônias americanas seguiu a mesma lógica competitiva e conflituosa presente entre as metrópoles. Na fala de Darcy Ribeiro, “o Brasil e a América Espanhola [estão] divididos em dois mundos de costas um ao outro” (Ribeiro apud Margolis, 2008:291). A aproximação entre os países da região avança timidamente, com períodos de maior parceria e com alguns êxitos, mesmo que eventuais e pontuais.

Estima-se que em 2008, havia um total de 513.800 brasileiros morando em países da América do Sul, aumentando para 553.040 em 2015. O país da região que mais recebeu imigração brasileira foi o Paraguai com um total de 300.000 brasileiros em 2008 e segue aumentando em 2015, 332.042. Em dados de 2015, o 2º lugar com números consideravelmente menores, segue Argentina com 46.870, depois Guiana Francesa com 40.550 e Bolívia com 27.581<sup>9</sup>.

Desenvolver uma investigação na qual possui seu recorte geográfico e histórico delimitado a partir de fronteiras nacionais, e décadas, foi uma escolha na abordagem do tema

---

<sup>9</sup> Op Cit.

das migrações latino americanas. É uma forma de mostrar a singularidade de um caso específico no contexto das migrações Sul-Sul. A abordagem geográfica de “recortar o espaço” presente por exemplo em Richard Hartshorne dialoga com a “periodização” comum entre os historiadores, na perspectiva de “recortar o tempo” (Haesbaert, Santa Bárbara, 2007).

Entre os casos pertinentes ao coletivo emigrante brasileiro entre vizinhos fronteiriços está o caso dos brasileiros no Paraguai. Essa imigração se configura como a mais intensa e antiga da região, com uma estimativa média entre 250 a 500 mil brasileiros, muitos em situação irregular<sup>10</sup>. Em caráter econômico a migração brasileira ao território paraguaio está historicamente relacionada à questão agrícola, nos anos 50 e 60 na produção do café e da erva-mate, e a partir dos anos 70 da soja em caráter industrial. Na perspectiva social, essa migração possui caráter heterogêneo, havendo como representantes pequenos trabalhadores rurais a grandes latifundiários/empresários e políticos (Haesbaert, Santa Bárbara, 2007).

Outros casos relevantes são os de brasileiros em regiões fronteiriças tanto no Uruguai quanto na Argentina. Mais recentemente, nos pampas uruguaios, há presença de mão de obra assalariada temporária para o cultivo de arroz. Já no nordeste da Argentina encontram-se pequenos agricultores e empresários, e, presença brasileira também em problemáticas sociais e ambientais relacionadas a contrabando de madeira de uma região de floresta subtropical (Haesbaert, Santa Bárbara, 2007).

Os autores concluem que a partir dos acordos geridos no âmbito do Mercosul o que diz respeito aos processos migratórios encontra um ponto fundamental. Devido ao fato de processos migratórios gerarem tanto reações contrárias à integração (nacionalismos/xenofobia, hierarquias sociais, discriminação racial, concentração de terras, etc) como também “a possibilidade de estabelecimento de elos mais concretos de uma integração que venha da base, em um espaço compartilhado por diferentes grupos sócio-identitários” (Haesbaert, Santa Bárbara, 2007: 121).

Como consequência da saída constante de brasileiros a outros países foi-se constituindo uma imagem, um estereótipo do sujeito e de traços da cultura nacional. Se formam e mantêm símbolos tradicionais de parte da cultura, como exemplo o futebol, carnaval e a música. Contudo, em um cenário mais recente, parte do coletivo migrante brasileiro tem crescido sua percepção da importância de outros setores do Brasil para o cenário internacional (Couto e Silva, Holloway da Silva, 2008).

---

<sup>10</sup> Na época em que o artigo dos autores foi produzido, em 1999.

Um cenário comum do qual a migração brasileira tem se estabelecido em outros países é o da saída de acadêmicos. Em discurso oficial<sup>11</sup>, o então ministro de relações exteriores do Brasil Sergio Rezende afirma que “o Brasil tem mais de 80 mil pesquisadores com doutorado, tornando-se o país com maior e mais qualificada comunidade de Ciência e Tecnologia na América Latina”. Desses dados sabe-se que muitos desses pesquisadores fizeram suas especializações fora do país, e é provável que vários deles continuam sua vida no exterior (Couto e Silva, Holloway da Silva, 2008).

### **3. Migração e Exílio entre Brasil e Chile nas décadas de 70 a 90, ditaduras militares**

Nos períodos das ditaduras militares latino americanas, o tema do exílio político é fundamental. O exílio é entendido de diversas formas, a principal é quando o sujeito é forçado a sair do país e não tem autorização para retornar. Contudo há quem considere exilado aqueles que saem do país por medo real de perseguição política, mesmo que não tenha sido oficialmente expulso (Said, 2015). No Brasil esse movimento resultou na saída daqueles perseguidos pela ditadura de 1964. Nesse momento, alguns países disponibilizam asilo político aos exilados, e um desses foi o Chile. Entretanto, após o golpe de Pinochet em 1973 o Chile passa a perseguir os que outrora foram recebidos, ademais de enviar seus próprios exilados.

Em todo o período do regime militar chileno estima-se em 200 000<sup>12</sup> o número de exilados com destino a vários países do mundo, inclusive a países que também estavam em regimes militares, a exemplo do Brasil. Como resultado dessa “migração forçada” criaram-se relações afetivas no país receptor dando origem a famílias binacionais, uma vez que os exílios podem durar anos, e que muitos desses exilados podem nunca mais voltar ao seu país de origem.

Devido a isso, a pesquisa avança ao recorrido histórico-político no qual o Chile e o Brasil atravessaram que se inicia na década de 70 e vai até o fim da década de 80. Isso porque no período do governo de Allende até 1973 houve uma primeira onda de fluxo migratório brasileiro ao Chile, devido principalmente a ditadura brasileira, sob o regime militar do General Emílio Garrastazú Médici (1969-1974), considerado um dos períodos mais agressivos de perseguição e tortura aqueles contrários ao regime instaurado.

---

<sup>11</sup> Fala realizada durante palestra Ciência, Tecnologia e Inovação no Instituto Rio Branco, Brasília, 2008.

<sup>12</sup> Segundo relatório *Valech* organizado pela Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura do Chile.

O regime do Gn. Médici, é no Brasil o auge do nacionalismo exacerbado, com ideais de enaltecimento à Pátria na figura da ‘segurança pública como lei suprema’ e ‘contra a Pátria não há direitos’. Todo os abusos, torturas e exílios cometidos entram na falsa suposição de serem praticados em defesa da sociedade. No entanto são “instrumentos do Estado, não da lei. Pertencem ao episódio fugaz do poder dos governantes e da noção que eles têm do mundo, e sobretudo de seus povos. (...) Valem-se delas contra determinadas ameaças, para atingir objetivos específicos” (Gaspari, 2002:25).

No Chile, quando ainda no período eleitoral, diversos grupos com vínculos conservadores, insatisfeitos com uma possível vitória de um presidente com tendências socialistas, organizaram uma oposição associada a grupos empresariais relacionados a política norte-americana. Essa oposição foi criando mais força assim que Allende foi eleito democraticamente para presidente do Chile, em 1970. Nesse momento Allende recebe os dissidentes políticos brasileiros e oferece asilo e alguns outros benefícios, como moradia e emprego. Insatisfeitos com as ações de Allende, grupos de direita sabotavam setores estratégicos para a economia chilena, paralelo a “crescente radicalização da coalizão governante e a má administração evidente da economia [que] levaram a uma hiperinflação (260% em 1972), no crescimento do mercado negro e nas longas filas [...] para acesso a mercadorias cada vez mais escassas e com preços congelados” (Muñoz: 2010:51).

Com o regime militar de Pinochet aumenta a proximidade política e econômica com os Estados Unidos. A política econômica liberal avança no Chile através de um grupo de jovens formados em Chicago que ficaram conhecidos como “Chicago Boys”<sup>13</sup> (Muñoz, 2010). Se na esfera econômica a proposta é liberal, em outras esferas o regime é extremamente nacionalista. No que diz respeito a forma de trato do regime militar com os estrangeiros:

Uma forte tensão xenófoba emergiu no regime militar. No dia seguinte ao golpe, a Junta emitiu um ultimato a todos os estrangeiros, ordenando que se apresentassem ao Ministério de Defesa ou à delegacia de polícia local. Três dias depois, um novo comunicado oficial advertia: ‘nós não teremos compaixão com os estrangeiros que mataram chilenos. Cidadãos: fiquem alertas para localiza-los e denuncia-los à autoridade militar mais próxima’. Mais de 600 estrangeiros foram presos, muitos torturados e alguns mortos depois do golpe (Muñoz, 2010:63).

---

<sup>13</sup> Grupo de economistas conservadores formados na Universidade de Chicago com notória inclinação às políticas neoliberais. O grupo chileno nessa escola se baseava no pensamento monetarista do economista Milton Friedman e Arnold Harberger - contrários a políticas de suporte previdenciário, plena convicção nas possibilidades positivas do livre mercado, do controle do estoque de dinheiro e da eliminação de subsídios e tarifas protecionistas (Muñoz, 2010).

No período do regime ditatorial chileno, entre 1974 e 1990, houve intensa perseguição política a cidadãos nacionais e estrangeiros com vínculos com posições políticas contrárias ao regime militar instaurado.

Nessa mesma época houve períodos de forte imigração chilena ao Brasil, que de fato, não pode ser explicada somente pelas perseguições e exílios protagonizada pelos militares chilenos, mas devido a todo um conjunto de consequências (sociais, econômicas, culturais) relacionadas a períodos autoritários e de tensão social. Esse panorama é essencial para a criação de um elo de relações familiares que resultou na geração de descendentes binacionais (Chile - Brasil).

A relevância da relação histórico-política do período de ditadura militar de Augusto Pinochet para a pesquisa foi encontrada durante o trabalho de campo. Há indícios suficientes para relacionar imigração chilena ao Brasil com a ditadura militar de Pinochet, a partir dos dados que mostram que nesse tempo houve um grande aumento do fluxo migratório entre esses países.

Outra explicação em abordar o tema da ditadura militar chilena na pesquisa foi devido ao propósito de reparação histórica. Como dito anteriormente, Allende recebe alguns desses brasileiros no Chile e garante emprego e moradia a parte desse coletivo. Entretanto, assim que ocorre o golpe militar, uma das primeiras ações de Pinochet foi o aprisionamento desses brasileiros, junto com perseguidos chilenos e de outras nacionalidades, no Estádio Nacional e no Estádio do Chile, seguido de agressões físicas e psicológicas, entre outros tipos de torturas (Cano y Soffia, 2009; Muñoz, 2010; Schneider Marques, 2013).

A abordagem teórica referente aos descendentes binacionais no campo é complexa. Isso porque a interação entre indivíduo e sociedade receptora se dá a partir de distintos processos de integração e de concepções próprias de identidades nacionais e culturais. Não obstante é relevante constatar que descendentes cuja situação familiar provém de casos de exílio pode ser necessário uma perspectiva distinta, já que a conformação familiar é afetada devido a violência sofrida e seus impactos sociais.

Como consequências das ações de desprezo e afronta aos direitos humanos no Chile nas décadas de 70 e 80, resultou não somente na saída de porcentagens de sua população jovem contrária ao regime instaurado com destino o Brasil, chegando a pouco mais de 17 mil em 1980, mas também pode ter gerado uma relativa uniformidade entre o pensamento político da opinião pública, uma vez que os meios de comunicação contrários ao governo foram todos reprimidos.

Esses fatores antecedem a atual situação econômica e política do Chile, onde fatores como estabilidade política e econômica tem sido enfatizados como principais impulsores ao investimento estrangeiro e ao desenvolvimento nacional. Segundo nota da OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) o Chile é o único país latinoamericano que alcançaria a condição de país desenvolvido ainda em 2020.

#### 4. Dados e Perfil demográfico da imigração brasileira ao Chile

Durante o período de 2005 a 2014 temos que a taxa percentual de brasileiro no país veio diminuindo. Em 2005 esse grupo representava 3,8% dos imigrantes ao país, caindo para 3,2 em 2010 e depois para 3,0% em 2014. De fato, a região que mais recebe os imigrantes é a região metropolitana de Santiago, representando 61,5% dos imigrantes (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016).

Essas informações são coletadas a partir dos pedidos de visto dos imigrantes. As possibilidades dos vistos dos quais o estrangeiro pode solicitar inicialmente variam entre *visto sujeto a contratos*, *visto temporário* e *visto para estudantes*<sup>14</sup>. Após o vencimento de algum desses vistos, o imigrante, caso tenha interesse em continuar no país solicita o visto de permanência. Entre os vistos de permanência outorgados pelo governo chileno segundo nacionalidade, o Brasil sequer aparece como um dado próprio, estando encaixado na categoria “outros países”, do qual o percentual segue baixando.

Sobre os vistos temporários, os brasileiros representavam em 2005, 2,8% da entrega desses vistos, subindo para 3,5% em 2010, e caindo para 2,0% em 2014. Essas porcentagens não significam, no entanto, que os dados números tenham sido inferiores nos anos atuais, somente que dentro do quadro migratório chileno tem sido menos representativos (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016).

---

<sup>14</sup> Os vistos temporários significam que o imigrante não tem interesse de se manter no país definitivamente, ou como um antecessor ao visto permanente. São três possibilidades de vistos temporários; primeiro o **visto sujeito a contrato**, onde o estrangeiro já conta com uma oportunidade de trabalho, já portando o contrato, e esse visto dura dois anos; outro é o **visto temporário**, que possui um ano de duração, podem ser entregues a diversas situações, como aqueles que possuem vínculo familiar com chilenos ou chilenas, ou a algum estrangeiro que possua o visto permanente, e é entregue também a nacionais dos países do Mercosul (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai), e a profissionais e técnicos; e a última é o **visto para estudantes**, para aqueles que estudam ou querem estudar no Chile.

De fato, os dados numéricos dos vistos de pedidos de residência definitivo de brasileiros ao Chile tem aumentado. Em 2005 haviam 282 pedidos, e segue aumentando (havendo pequenas quedas em 2006, 2008 e 2010) chegando a 681 pedidos de visto permanente em 2014. Ao todo foram entregues 4668 vistos de permanência de 2005 à 2014 para brasileiros no Chile, sendo o 8º país com maior representatividade (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016).

Em relação aos vistos de estudante, foram entregues 13.951 vistos a brasileiros de 2005 a 2014, caindo para a 10º colocação dos países que mais pedem esse visto ao Chile.

A região metropolitana de Santiago é a que mais recebe imigrantes de todas as nacionalidades. Os brasileiros representaram em 2005 4,0% dos imigrantes na região, e em 2014 baixou para 3,2%. Dos pedidos de vistos definitivos, em 2005 foram 225, e em 2014 somaram 519, sendo emitidos em todo o período 3580 vistos. Dos vistos estudantis, em 2005 foram entregues 27, com pequena variação a 2014, 30, no total do período foram 307 vistos, com maior intensidade em 2009, 62. Dos vistos sujeitos a contratos, em 2005 foram entregues 271, com grande queda a 2014, 80, maior fluxo foi em 2007, com 450 vistos entregues, em números gerais do período foram 2521. Sobre os vistos temporais, em 2005 foram 357, subindo para 1096 em 2014, ao todo foram 7226 vistos temporários entregues, durante o período analisado o fluxo foi sempre de ligeiro aumento, com o pico em 2012, com 1118 vistos entregues (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016).

Dos dados quantitativos do Anuário Estatístico Migratório 2005 - 2014 disponibilizados pelo '*Departamento de Extranjería*' do Chile, uma questão deve ser destacada. Durante entrevistas realizadas com instituições governamentais em municípios da região (Quilicura e Recoleta), foi relatado desconfiança em relação as estimativas, na medida em que seus funcionários entendem haver mais brasileiros do que os dados estariam de fato mostrando.

Possíveis equívocos nas cifras sobre contingentes populacionais migrantes é, em parte, consequência da imigração indocumentada - realidade em muitos países, preocupação recorrente dos governos locais, e destacada por diversos organismos internacionais. De fato, muitos imigrantes não recorrem ao governo nacional para regularizar sua condição no país, e se mantêm na cidade de forma irregular. Essas pessoas normalmente trabalham como autônomos ou realizam trabalhos informais. Contudo, durante a realização da pesquisa não foram encontrados casos de indocumentados entre o coletivo brasileiro, talvez devido a

facilidade de obtenção do visto Mercosul, entretanto o tema pode ser abordado em pesquisas futuras.

A imigração brasileira é considerado um fenômeno recente no Chile, tendo aumento 51% desde 2005. Além da região metropolitana de Santiago, os brasileiros se concentram nas regiões de Valparaíso e Biobío. Segundo dados do ‘*Departamento de Extranjería*’, a migração brasileira é formada principalmente por mulheres, que representam 54,2% dos migrantes, e em grupos etários de 20 a 50 anos, que representam 64,9%. As principais atividades desempenhadas segundo estatísticas do departamento são: empregados (1851); donas de casa (898); estudante (677); inativo (365); religioso (231) e trabalhadores por conta própria (219) (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016).

No ano de 2008 a quantidade absoluta de brasileiros no Chile, segundo dados do Consulado do Brasil em Santiago, foi de 9.200, subindo para 12.196 em 2015. O aumento de pouco mais de 3.000 acompanha a situação em outros países da região, na medida em que cresce também a quantidade de imigrantes brasileiros em países como Colômbia, Paraguai, Bolívia e Equador. Dos países sul americanos que a quantidade de imigrantes brasileiros decaiu consta principalmente Argentina e Venezuela<sup>15</sup>.

Baeninger (2003) destaca que, ao final do séc. XX, a maioria dos brasileiros residentes em outros países da América Latina possuíam baixa escolaridade, o que, para a autora significa uma baixa qualificação de mão de obra desse coletivo nesse cenário. Entre os brasileiros vivendo nesses países, a maioria possuía menos de 10 anos de estudos, com exceção dos que viviam no Chile, único país onde cerca da metade alcançava tal nível de escolaridade (Baeninger, 2003). Assim sendo, é possível que devido a um maior grau de escolaridade dos brasileiros no Chile, os postos de trabalho referentes a esse coletivo também sejam mais satisfatórios.

Sobre o tema, estudos mais recentes trazem que entre os fluxos migratórios contemporâneos, as médias educacionais dos imigrantes são maiores que as dos nacionais. No caso do Chile, em 2009, a média dos cidadãos nacionais estava um pouco acima de 10 anos, enquanto a média dos imigrantes latino-americanos no país ultrapassam os 14 anos. A autora afirma com isso sobre o potencial social pouco valorizado da população migrante (Stefoni, 2011).

---

15 Dados do Ministério do Exterior do Brasil, dos anos de 2009 e 2015. Disponível no site <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/>

### CAP. 3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O FENÔMENO MIGRATÓRIO

O campo teórico dos estudos migratórios possui em seu arcabouço alguns modelos, generalizações empíricas, noções básicas, e algumas teorias, porém nenhuma com caráter geral. Isso porque o campo é por demais multifacetado e diverso para ser explicado por uma teoria geral. Os esforços teóricos devem ser avaliados devido ao seu potencial guia para pesquisas, que devem ser testados empiricamente, e pela contribuição para um melhor entendimento de facetas específicas, dimensões e processos migratórios (Arango, 2009).

Isso quer dizer, por exemplo, que as teorias foram sendo desenvolvidas principalmente em uma perspectiva de dualidade global norte – sul. Analisar as teorias do campo migratório e entender que constituem avanços, mas que não alcançam explicar o fenômeno como um todo, pois foram centradas numa discussão econômica dentro de um contexto norte desenvolvido e receptor de imigrantes, e sul pobre. O fenômeno é multifacetado, e as teorias não conseguem dar conta da diversidade, ainda mais no caso das migrações sul sul que respondem muito mais a outros fatores: amorosos, familiares, políticos, mais do que a uma visão economicista.

Contudo, visando desenvolver uma abordagem mais aprofundada do tema, traremos uma síntese dos avanços teóricos que pretendem explicar o fenômeno da migração. As teorias e modelos possuem distintos objetivos, seja em buscar as causas das migrações, como também os fatores que as perpetuam. Iniciaremos abordando sobre o debate dos fatores que incidiriam fundamentalmente nos fluxos migratórios.

Utilizado como modelo base para as teorias econômicas está o *push and pull*, na busca de construir explicações para as causas do fenômeno migratório. Consiste na soma de fatores negativos ou positivos que servem como incentivo tanto para sair do país de origem como para tornar um determinado país atrativo. De acordo com o modelo, os fatores que levam a “empurrar” as pessoas de um país estão relacionados as características precárias do que é entendido como países pobres – em seu viés econômico, social, e político –, e às vantagens nesses mesmos setores dos países desenvolvidos são seus fatores de atração. A intensidade dos fluxos migratórios seria então relativos às combinações desses fatores (Schoorl, 1995).

A teoria neoclássica possui duas perspectivas, uma no viés macro econômico e outra micro, individual. Ganha força no terceiro semestre do século 20, sendo considerada como um divisor de águas na área dos estudos migratórios. Em seu viés macro é basicamente relacionada ao mercado de trabalho e as diferenças salariais. Assim, o valor pago ao trabalho

constitui um fator fundamental, onde pessoas que recebem menores salários migram a países com melhores salários – na perspectiva de maximizar os ganhos individuais do seu trabalho. Em linhas gerais, a migração resulta da distribuição desigual de trabalho e capital (Schoorl, 1995; Arango, 2009).

Pela perspectiva micro, utiliza das mesmas bases só que agrega a capacidade do indivíduo em raciocinar sobre os custos benefícios da migração em si e de qual o país destino. Trabalha com a combinação da perspectiva individual da tomada de decisões com as melhores contrapartidas de determinantes estruturais do país receptor. Leva em consideração os custos migratórios, tais quais a passagem, o período em que estará procurando trabalho, os esforços pessoais, a cultura do local, e aspectos familiares (Schoorl, 1995).

Em resposta a essa teoria, intelectuais ligados ao marxismo contestaram a partir do estruturalismo histórico, fomentados pela teoria da dependência. Esses argumentam, entre outras coisas, que a evolução do capitalismo deu lugar a uma ordem internacional composta por países industriais centrais e países periféricos agrários, conectados por relações assimétricas e desiguais, e que esse fator deve guiar o debate (Arango, 2009).

Como exemplo a essa linha temos Moraes Silva (2007) que traça um paralelo entre Karl Marx - *Acumulação primitiva* - e Rosa Luxemburgo (1976) para explicar como a força de trabalho do imigrante é compatível com a estrutura da sociedade capitalista. Em síntese, o argumento de Marx de que a construção do proletariado urbano é resultado de séculos de expropriação violenta ao modo de vida campesina, na perspectiva da reprodução dos meios materiais e sociais pelo viés da inserção fabril sob o comando e a legitimação do Estado. Segundo o debate, Luxemburgo (1976) agrega que os meios de reprodução do sistema capitalista não se mantêm somente segundo suas forças de trabalho internas, necessitando para seu contínuo crescimento de fatores externos, chamando essa fase de reprodução ampliada da acumulação capitalista.

Moraes e Silva (2007) argumenta que, da mesma forma que no período de Marx a pressão urbana devido a necessidade da revolução industrial levou a que camponeses perdessem seus meios de reprodução no campo e tiveram que migrar para as cidades - para trabalharem nas indústrias -, na atual fase mundial setores influentes dentro do sistema capitalista nos países centrais articulam para que setores populares dos países periféricos vendam sua força de trabalho de forma precarizada em seus mercados de base.

A autora utiliza desse debate para argumentar que a globalização e o imperialismo impõe a outras sociedades um modo de vida “moderno” que gerou necessidades e consequências em todo o mundo - principalmente aos países periféricos - que resultou na

intensificação dos fluxos migratórios. Segundo ela “a mundialização com seu corolário - a reestruturação produtiva - trouxe várias consequências, dentre elas, a precarização, a segmentação por sexo e raça/etnia, a desqualificação, a temporalidade do trabalho, além do desemprego e da exclusão social” (Moraes e Silva, 2007: 59). Nesta atual circunstância de caráter massivo a autora destaca que migrar torna-se uma necessidade a milhões de pessoas no mundo.

Dialoga com a teoria do sistema mundial (Wallerstein, 1974 ; Sassen, 1988), onde avaliam que com o avanço do capitalismo (e sua opressão) nos países periféricos uma série de desarticulações socioeconômicas desencadeiam processos de vulnerabilidade nesses países, entre elas a migração internacional. Em seu núcleo de explanação está a extensão do modo capitalista de produção dos países centrais para os países periféricos através do capital financeiro e a inserção de novas regiões em um mundo econômico compartilhado - globalização (Arango, 2009).

Assim, para Sassen, a imigração é entendida como a globalização do trabalho, isso porque, em seu entendimento: “a globalização do fluxo de mão de obra é parte dos mesmo processos que integram o desenvolvimento das finanças globais e da circulação global do capital”<sup>16</sup> (Sassen, 2003:10).

Outra teoria é a da “nova economia da migração”, que foi desenvolvida fora da tradição neoclássica. Contudo, compartilham do mesmo pilar, a escolha racional, mas diferem no sentido de o ator principal ser a família e não o sujeito individual. Nesse sentido a migração entra como uma estratégia familiar não necessariamente para ganhar melhores salários, mas para diversificar as fontes de renda. Contudo este modelo retrata um tipo muito específico de migrações (Schoorl, 1995; Arango, 2009).

Teoria do mercado de trabalho dual, formulada em 1979. Essa teoria aborda a causa das migrações internacionais a partir da demanda permanente por trabalho estrangeiro nos países em fase do capitalismo avançado. Essa teoria dialoga com o mercado a partir da oferta e demanda de empregos, uma vez que os trabalhadores migrantes ocupam um nicho laboral do qual os nativos não se interessam em ocupar, devido ao baixo prestígio social e salários inferiores dessas ofertas. Assim, as características dos mercados laborais nos países receptores dos fluxos migratórios poderiam influenciar os fluxos migratórios mais do que fatores estruturais nos países de origem (Arango, 2009).

---

<sup>16</sup> Retirado do prefácio feito por K. Anthony Appiah.

Há também outras teorias que buscam ir além dos fatores que causam a migração e de como os fluxos se iniciam, e sim preocupadas em entender sobre a persistência dos movimentos migratórios no espaço e no tempo e sobre as alterações nas direções do fluxo. Mesmo mantendo o fator econômico como espaço central, esses modelos buscam responder, entre outras coisas, porque os fluxos continuam e até aumentam mesmo com os países receptores mostrando altas do desemprego, endurecimento das legislações e das políticas migratórias e fortes tensões de preconceito e atividades discriminatórias (Schoorl, 1995).

Uma dessas análises é chamada *causa acumulativa*. Aqui as análises recaem sobre as alterações e consequências dos fluxos migratórios dentro das regiões de origem. Isso é, os impactos em suas estruturas sociais e econômicas, e nas desigualdades salariais, na perspectiva das etapas de determinado processo migratório. Determinados países, com fluxo intenso de emigrantes, já possuem sua cultura e setores econômicos baseados no dinheiro recebido, diretamente ou em forma de investimento local – construindo uma casa, começando um negócio, por aqueles que estão fora. Chama atenção ao processo da *cultura migratória*, onde a experiência que os imigrantes adquiriram estando no exterior muda a cultura local e os sistemas de valores, desenvolvendo o interesse regional pela imigração (Schoorl, 1995).

Ao realizar uma visão ampla dos fenômenos migratórios, alguns pontos vão sendo destacados. Por exemplo, com a constante participação de certos imigrantes em determinados setores laborais nos países receptores, esses empregos ficam associados aqueles imigrantes e perdem prestígio social, o que acarreta a necessidade de mais imigrantes para realizarem aqueles trabalho específico, pois os nacionais não vão querer realiza-los. É uma questão do interesse de cada realidade, pois há coletivos migrantes que se importam mais de sua percepção social em sua região de origem, isso é, uma vez que esteja conseguindo enviar dinheiro para sua família sua condição social é bem vista (Schoorl, 1995).

Outra abordagem que ganha grande visibilidade no campo teórico é de *correntes migratórias*, dando ênfase aos processos de rede. Estabelecido o termo então como *redes migratórias* aborda uma série de mecanismos que conectam os imigrantes entre as áreas de origem e de destino. Essas conexões são feitas através de familiares, conhecidos e comunidades compartilhadas (Schoorl, 1995).

Através das palavras de Douglas Massey (1998), redes migratórias são então definidas como:

O conjunto de relações interpessoais distribuída entre amigos, parentes e compatriotas dos migrantes ou daqueles que regressaram ao seu país de origem.

Dentro dessas redes intercambiam informações, assistência financeira e acomodação, oportunidades de emprego, entre outros suportes. Fazendo isso, reduz-se o custo e a incertezas da migração (Massey:1998; in: Arango, 2009, pág. 291).

Juntando alguns elementos presentes nos debates teóricos acima mencionados, e pensando os fluxos migratórios como um sistema, do qual existe toda uma estrutura formada através de uma ampla base já consolidada do fenômeno migratório, teremos a *teoria do sistema migratório*. É uma tentativa de explicar os fluxos e contrafluxos dentro de uma visão mais ampla, onde seja considerado como influência os fatores individuais e societários, na perspectiva de fenômeno dinâmico e não estático, levando em consideração fatores histórico-políticos e outros vínculos entre países e regiões (Schoorl, 1995).

Pesquisas baseadas na teoria do sistema migratório costumam indicar uma série de variáveis e contam com uma ampla base de dados, onde possa utilizar de diferentes fatores e análises para gerar resultados que considerem a dimensão multifacetada do fenômeno (Schoorl, 1995).

Foi apresentado uma síntese das principais teorias visando uma revisão bibliográfica do campo, e dando referencia aos devidos autores. Como dito anteriormente, essas teorias são importantes, constituem um avanço, mas não dão conta de explicar os fenômeno em si, pois foram pensadas em um contexto norte e sul global.

Com o propósito de fortalecer as especificidades do contexto migratório sul-sul, e de avançar a um diálogo mais próximo às realidades regionais desenvolveremos a seguir outros pensamentos teóricos. Serão abordados os temas de migrações e afeto; feminização; questões políticas; debates culturais. De acordo com o entendimento do pesquisador, esses pensamentos teóricos contribuem para explicações mais próximas a vivência dos sujeitos participantes da pesquisa.

## **1. Migração em contexto afetivo e familiar**

Ao longo deste capítulo vimos que os fluxos migratórios podem ser interpretados a partir de distintas correntes teóricas. Entender que as migrações são parte da história mundial e que em cada época possui características próprias devido ao contexto em que se encontra. Nesse sentido, é importante definir qual lente teórica será utilizada para interpretar as informações coletadas sobre a imigração brasileira a Santiago. De certa forma, cada teoria migratória trazida até agora possui seu peso científico nesse campo de estudos.

Entende-se que os fluxos migratórios internacionais estão dentro da estrutura societária mais ampla, tanto política como economicamente. Contudo, o caráter social também exerce influência na tomada de decisão do indivíduo a migrar. A necessidade de melhoria da condição econômica é um dos fatores que levam a saída de seu país natal, porém há outros. A busca por melhoria nas relações familiares e afetivas também podem ser o fator determinante para muitos que decidem mudar de país.

Os laços afetivos e de organização familiar possuem uma gama de possibilidades a depender de cada caso. Entender esses vínculos como fatores que motivam a imigração e/ou como determinantes na decisão de permanecer no país receptor. Nesse sentido, entende-se esses vínculos de forma ampla, podendo ser relações estáveis ou momentâneas, matrimônios, filhos/as, familiares (pai, mãe, tios/as, avós, etc), amigos próximos, entre outros.

A autora Janet Carsten aborda o termo *relatedness* (Carsten, 2000) em oposição ao conceito de parentesco, tão presente na antropologia. O termo proposto por Carsten é de certa forma mais amplo, e melhor utilizado para estudar em perspectiva comparativa. Sua proposta com o conceito é estudar as concepções e percepções sobre os modos de estabelecer relações afetivas e de estar relacionado, possibilitando melhor comparação transcultural (Rivas, 2009).

Considera-se que estar *relacionado* diverge consideravelmente dentro de cada contexto, a pensar, em comparativos nacionais. A forma de estar relacionado possui como variante fatores culturais, assim, a relação afetiva entre dois chineses é substancialmente diferente do que entre dois franceses, e assim por diante (Carsten, 2000). Nesse sentido, as interações sociais dentro de um relacionamento afetivo entre pessoas de dois países diferentes possui algumas características próprias. Um ponto fundamental é que as relações de poder estarão potencialmente desiguais, por exemplo pela questão da nacionalidade - aquele que estiver em seu país de origem terá a priori melhores condições estruturais. Poderá haver agravantes, caso os países de origem tenham, por menos na esfera social, posições hierárquicas consideravelmente distintas.

O grau de proximidade que o imigrante possui com o cidadão nativo influencia em sua experiência migratória. Isso porque, o imigrante estando fora de sua zona de convívio nativa, requer que a estrutura recebida pelo companheiro atue na esfera material e subjetiva. Rupturas desses vínculos podem representar, em alguns casos, o retorno ao país de origem ou em experiências traumáticas ao imigrante.

E não apenas o fator nacionalidade deve ser destacado. Fatores como gênero e classe social também atuam como posições de poder nesses casos. A pesquisa traz que as relações

afetivas encontradas nos participantes envolvem em maioria mulheres brasileiras que foram viver em Santiago devido a relacionamentos afetivos com homens chilenos. Quando nessas relações estão envolvidos filhos binacionais os problemas costumam ser intensificados, como relatam algumas mulheres imigrantes.

Outra forma de abordagem das relações afetivas através de conjunturas comparativas é definida pelo termo *intermarriage* - casamentos mistos. A proposta do termo é analisar o fenômeno de casamentos entre pessoas de realidades distintas, podendo ser diferentes grupos raciais, classes sociais, religião ou países. O assunto é pertinente uma vez que os processos envolvidos no fenômeno tem relação com o debate de integração, isso é, promover o fenômeno dos casamentos mistos binacionais gera maiores oportunidades de integração. Além do que “*intermarriage* tem sido argumentado por ser um dos mais importantes testes para determinar a estrutura societária e por expor as fronteiras sociais” (Rodriguez-garcia, 2015:9).

Os fluxos migratórios atuais contam com fatores que contribuíram para que os casos de *intermarriage* se tornassem mais comuns. Entre eles destaque ao próprio aumento do fluxo migratório, ao contínuo avanço das tecnologias de mobilidade e comunicação e a globalização e o transnacionalismo em geral (Rodriguez-garcia, 2015).

Em referência aos filhos binacionais entre brasileiros/as e chilenos/as utilizamos o termo “brachilenos”, termo cunhado pelos próprios imigrantes brasileiros em Santiago. Ele diz respeito aqueles que possuem linhagem familiar entre as duas nacionalidades. Contudo, o termo faz mais referência aos casos onde esses sujeitos possuem traços culturais claros dos dois coletivos. Esses traços culturais podem ser: fluência em português/espanhol; ter conhecimento em tradições brasileiras como samba, capoeira, pandeiro; possuir família nos dois países.

No geral essa categoria é identificada como algo positivo. Isso porque eles possuem os documentos legais para viver no país, possuem família que lhes asseguram maior estabilidade psicológica e material, transitam entre as duas culturas, etc. Os próprios “brachilenos” sentem orgulho dessa condição, mesmo que constantemente reclamando de problemas de adaptação em ambos os países e de diferenças culturais incômodas. O tema é aprofundado durante as entrevistas.

As abordagens acima dialogam com o debate de *redes migratórias*, mesmo que nesse último dê maior peso em interpretar o fenômeno a partir das redes de contato do imigrante com seus conterrâneos e não com os nacionais do país receptor (Massey, 1998).

## 2. Feminização das Migrações

O alto índice de violência contra a mulher nos países latino americanos é um indicativo de que as mulheres na região não estão seguras, junto a um alto índice de desigualdade de gênero. Da região, 16 países possuem legislação própria no que diz respeito ao assassinato devido unicamente a condição de ser mulher, chamado de *feminicidio*, *femicidio* ou *homicidio agravado*. Contudo, a violência à mulher envolve além de assassinato, alto índice de agressões físicas e psicológicas, assédios e estupros. Devido a agressões cotidianas, junto a conhecimento de casos próximos ou mesmo do convívio pessoal, e a constante divulgação pelas mídias de relatos de violência contra mulheres, gera-se um quadro de insegurança generalizada (Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe de las Naciones Unidas<sup>17</sup>).

Dentro desse panorama de violência, o quadro da mulher imigrante é especialmente preocupante. Sua vulnerabilidade social está presente devido a maiores riscos de abusos físicos, emocionais e sexuais (de desconhecidos ou de seus companheiros), abuso de autoridade por agentes e por facilitadores, tanto no país de origem, de trânsito ou de acolhimento e outras questões. Trabalhadoras migrantes possuem vulnerabilidade específica devido aos baixos salários dos trabalhos realizados, expostas a vários tipos de abusos, discriminação, e falta de acesso a mecanismos judiciais e a própria justiça (Picón, 2016).

Estima-se que das 232 milhões de pessoas que vivem fora de seus países de origem, 49% delas sejam mulheres. No que se refere as imigrações na região latino americana, especificamente as mulheres que migram entre países vizinhos, o quadro é de migrações laborais e de baixa qualificação. As principais funções desempenhadas nesse caso está o trabalho doméstico remunerado, manufatura (indústria têxtil) e trabalhos agrícolas. Na América Latina, o trabalho doméstico representa 15% da mão-de-obra informal feminina, sendo realizado principalmente por minorias étnicas e imigrantes. De fato a precarização do trabalho feminino aumenta a medida que fatores étnicos e raciais se juntam a condições de classe e situação da migração (Picón, 2016).

Mesmo que não aborde diretamente o assunto da violência, grande parte dos estudos migratórios internacionais que trazem a temática de gênero avançam no intuito de dar maior visibilidade e protagonismo ao coletivo imigrante feminino e a outros grupos invisibilizados,

---

<sup>17</sup> Referência pela campanha *Únete: Para erradicar la violencia contra las mujeres y las niñas en América Latina y El Caribe: 12 mensajes claves*. Disponível em: <http://oig.cepal.org/es/documentos/erradicar-la-violencia-mujeres-ninas-america-latina-caribe-12-mensajes-claves>

a exemplo dos LGBTs. Tem sido abordada principalmente por estudiosas das teorias feministas, que percebem no campo um importante espaço de luta acadêmica e social no que diz respeito às especificidades de gênero nos fluxos migratórios, ou seja, das diferenças vivenciadas entre os imigrantes definidas pelo gênero. Desenvolvimento no campo acadêmico de rever o tratamento dado ao gênero feminino como coadjuvantes no fenômeno migratório em que reforça a posição de domínio masculino como norma (Weinberg, 1992; Louro, 1995; Vicente, 1999; apud. Alencar-Rodrigues et al, 2009).

Tais estudos buscam compreender os impactos das migrações através das experiências femininas, no que diz respeito ao universo de valores sociais provenientes de sua construção cultural no país de origem em relação à sociedade de acolhida. Sobre isso Alencar-Rodrigues et. al. (2009) analisam as dimensões do fenômeno da *aculturação*, em referência a suspensão da bagagem cultural de indivíduos devido a eventos desencadeados após o contato intercultural. Na medida em que gênero não é visto como determinismo biológico e sim como algo culturalmente/socialmente construído, o termo serve para mostrar que as concepções de gênero de mulheres e homens imigrantes são repensadas no processo migratório em desafio às expectativas atribuídas socialmente (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2003 apud. Alencar-Rodrigues et.al., 2009).

Dentro desse panorama entender o espaço social da *mulher imigrante* a partir das estruturas de poder das quais ela carrega dentro de si - em seu histórico cultural - e das quais são impostas a ela. Isso é, como a mulher imigrante reconhece sua identidade em relação a sua interação com o novo ambiente sócio-cultural. Dessas interações surgem conflitos em seus espaços familiares, sociais e laborais.

Nesse sentido, desenvolvem-se pesquisas que abordam sobre como mudanças nas práticas das mulheres imigrantes devido ao novo contexto cultural do país de acolhida interfere em suas relações conjugais ou familiares (Espin, 1987; Kominsky, 2004). Ou então mudanças em seus comportamentos sociais, devido por exemplo, a inserção em novos espaços educacionais e ao convívio social no país de acolhida (Kranau, Green e Valencia Weber, 1982). Outro estudo traz sobre a prática de empregadores nacionais de constrangimento ou tratamento diferenciado às mulheres imigrantes em seus espaços laborais, o que leva a uma tentativa da mulher imigrante em parecer-se mais com a mulher nativa incitando processos de *aculturação* e negação de sua origem (Pyke e Johnson, 2003).

Essas abordagens mostram um rico campo investigativo dentro da área migratória. O estudo presente, tendo como objetivo investigar a imigração a partir dos re-arranjos familiares e/ou por motivos afetivos, sinaliza principal destaque ao coletivo feminino. Seja

porque o papel de gênero da mulher ainda esteja atrelado de forma mais intrínseca a manutenção e/ou construção de vínculos familiares, seja pelas dificuldades encontradas por esse coletivo em estabelecer-se sozinha, com barreiras de acesso e permanência ao mercado de trabalho, assédios em espaços públicos, discriminação, racismo, entre outras.

### **3. Migrações na América Latina em contexto político**

Além dos fatores citados como motivadores do fenômeno migratório, talvez o mais persistente e inquietante provém de períodos de crises e instabilidade política. A preocupação com o tema ganha maior relevância com o término da 2ª Guerra Mundial. De fato migrações que eram desencadeadas por conflitos e crises políticas sempre ocorreram, contudo foi somente no pós 2ª Guerra Mundial que o termo “refugiados” – em relação as migrações forçadas em condições de precariedade, conflito, vulnerabilidade – ganha maior visibilidade ao ser utilizado pela recém criada, Organização das Nações Unidas.

Os refugiados saem de suas regiões com o propósito de salvar suas vidas, e de sua família buscando segurança em outro país, normalmente países vizinhos. Já o termo exilado provém de uma origem muito mais antiga, da prática do banimento. Ambos possuem vetor político, uma vez que refugiados, como dito anteriormente, foi um termo cunhado no contexto de conflito entre os Estados do séc. XX, com uma perspectiva de movimentações de massas. Exilados traz uma ideia mais solitária, onde o foco é no indivíduo, o sujeito foi expulso de determinado país, em geral seu país de origem (Said, 2003).

Said (2003) argumenta que o exílio ganha força com os regimes totalitários, e isso se deve ao fato de exílio e nacionalismo serem pólos opostos mas que constituem um o outro, a exemplo da dialética hegeliana de senhor e escravo, onde a existência do escravo depende da figura do senhor. O autor destaca que os nacionalistas quando bem sucedidos perpetuam um discurso de detentores da verdade, onde os inimigos são inferiores e mentirosos, representando perigo constante. É prática do nacionalismo “justificar uma historia amarrada de forma seletiva numa forma narrativa: todos os nacionalistas têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais” (Said, 2003: 54).

Trabalham na ideia do ‘nós’ e o ‘outro’, entremedio o “perigoso território do não pertencer” (Said, 2003:55). Espaço esse que antigamente era ocupada pelos *banidos*, e atualmente pelo imenso contingente de exilados, refugiados e deslocados de forma geral (Said,

2003). No contexto moderno são pessoas com direitos limitados, marginalizadas tanto na perspectiva identitária e cultural como do apoio judicial.

No contexto latino americano, durante o século XX poucos os países que não passaram por regimes ditatoriais. Nessa época era constante na região governos autoritários, não democráticos, que carregam um vasto histórico de violações e abusos contra setores da população. É nesse contexto que muitas pessoas da região são obrigadas a sair de seu país devido a perseguições ocasionadas pelo próprio Estado. O termo “asilo político” é evocado para esse período devido a necessidade de um mecanismo de proteção internacional diferenciada para aqueles que sofriam de perseguição política e temiam pela sua segurança e de sua família, e que conseguiam sair do país, normalmente por métodos excusos.

A presença desses regimes na região provém da resposta a acontecimentos mundiais e regionais, tais quais a Guerra Fria e a Revolução Cubana (1959). A preocupação internacional, principalmente dos EUA, com o avanço do comunismo na América Latina foi determinante para que a repressão militar fosse acionada produzindo exílios, torturas, detenções e assassinatos (Funari & Zarankin: 2006).

Algo que dificulta muito o mapeamento e a sistematização da dimensão de pessoas atingidas pela repressão e terror protagonizados por estes regimes está na destruição de grande parte de documentos e outros materiais produzidos na época que pudessem servir como provas dos abusos cometidos. Como resultado as muitas pessoas em condição de desaparecidas, e muitas histórias perdidas por não possuir rastros (Funari & Zarankin: 2006). Por isso destaca-se o grande valor que deve ser dado aos relatos orais de pessoais que tiveram sua história de vida atingida devido a esse período.

Mecanismo muito utilizado durante a época, o exílio por motivos políticos pode ser entendido como processo de expatriação, saída obrigatória – ou condicionada - do país de residência, fuga baseada em temor e perseguição política. Contudo é um fenômeno de caráter heterogêneo, devido a dificuldades em sua conceitualização. Isso porque o termo possui fator individual no tocante a vivência daquela experiência e possui pouco consenso conceitual pré-estabelecido que seja reconhecido e aceito no cenário internacional<sup>18</sup> (da Silva, 2007).

Em síntese, um grande número de pessoas teve sua realidade modificada pelas ditaduras latino americanas. Viver exilado traz alterações em todas as esferas da vida do indivíduo e de sua família, isso é, contextos familiares são re-arranjados a partir da

---

<sup>18</sup> Em debate promovido por Helenice Rodrigues da Silva (2007), temos que o exílio, principalmente a países europeus, não entrava em uma categoria migratória, sendo posteriormente utilizado como *refugiado político*. <http://nuevomundo.revues.org/5791>

experiência do exílio. Aspectos culturais são re-organizados buscando a inserção em uma nova realidade nacional.

#### 4. Identidade e Mercado Cultural

A identidade de um sujeito é composta por múltiplas associações dadas a ele: nacionalidade, gênero, classe social, raça. O espaço social que um indivíduo está localizado na sociedade contemporânea se baseia na combinação dessas construções identitárias, a depender de como elas são valorizadas por determinada sociedade. Quando se está fora de seu país de origem, a sua nacionalidade adquire maior relevância, algo que só ganha destaque pela oposição sujeito nacional - não nacional. Nesse sentido o entendimento de que a pessoa só aprende o que é o Brasil quando está fora do país. (Margolis, 2008).

Sobre o tema, o autor Igor Machado desenvolve uma pesquisa de campo sobre a imigração brasileira a Portugal. Ele aborda o termo *identidade mercantilizada*, como sendo a estratégia que setores de baixa renda do coletivo brasileiro utilizam para transformar as imagens que os portugueses criaram sobre eles em sustento econômico.

A mercantilização da identidade é um processo empírico que acontece em diferentes contextos históricos e sociais, não um conceito. A especificidade do processo que descrevo entre os brasileiros é que eles "mercantilizam" uma identidade-para-o-mercado, um processo que só pode acontecer no capitalismo tardio (Machado, 2004: 211).

Segundo Machado (2004), a presença de imigrantes brasileiros no mundo é marcada por uma aproximação a um "centro", entendido como a máxima representação da *brasilidade*. Quanto mais interessante sua identidade brasileira é para o mercado, mais próximo a esse centro ele se encontra. Em seu estudo ele identifica símbolos, que funcionam como estereótipos - samba, futebol, sexualidade e mestiçagem - que determinam como as pessoas envolvidas nesse processo atuam. Esses brasileiros estariam reproduzindo a forma que os portugueses os vêm principalmente em suas esferas laborais em busca de proximidade a um suposto modelo brasileiro ideal. Seguindo sua linha de raciocínio, esse modelo ideal é o que mais corresponde à identidade mercadológica, construída a partir de projeções falsas sobre o que seria a essência do brasileiro (Machado, 2004).

Nessa perspectiva, o mercado de trabalho é a máxima que guia o comportamento dos brasileiros no exterior. Sua brasilidade, desligada de contexto e de profundidade histórica, entra como um componente chave de seu capital cultural, quando adequada ao imaginário hegemônico. Assim, Machado conclui que "a identidade-para-o-mercado *cria* realidades e

comportamentos, ela *gera* pessoas que se identificam com suas imagens esvaziadas e estereotipadas”. Isso porque essas imagens do que é ser brasileiro não possuem profundidade histórica e quando ganham espaço, a indústria cultural as apropria. Nesse sentido as identidades criadas perpetuam devido ao interesse hegemônico das indústrias por imagens culturais definidas pelo outro exterior. Essas culturas forjadas pelo e para o mercado, não representam nenhum rompimento com a estrutura de produção vigente, logo o Estado atua como um instrumento fundamental para sua perpetuação (Machado, 2004).

O mercado de trabalho não é o único espaço onde a identidade do imigrante é redefinida pelo contato intercultural. De fato, teóricos da área utilizam o conceito de *transnacionalismo* para se referirem ao deslocamento, e não a ruptura, de aspectos sociais, culturais e materiais dos quais o imigrante mantém com seu país de origem ou mesmo de outros que ele já tenha vivido. Assim, “emerge um novo tipo de espaço, composto por redes, atividades e parceiros que envolvem a vida dos imigrantes tanto no local de origem quanto no de acolhida num único campo social” (Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton; apud. Escudero, 2016: 184).

Esse é um entendimento de percepções identitárias fluídas, de entendimento da fronteira enquanto uma linha imaginária que separa fisicamente mas não suprime aspectos culturais, fluxos financeiros, redes virtuais. Nesse processo o imigrante pode estar em um país distante, contudo possui diversos mecanismos que o levam a continuar próximo a uma vivência similar com a que mantinha em seu país de origem. Nessas condições intensifica-se a formação de guetos e outras consequências relacionadas a *distância cultural*.

Hein (2012) aborda em sua pesquisa a ideia de distância cultural como uma perspectiva de interpretação subjetiva do indivíduo. Isso é, na percepção do autor, o pertencimento à sociedade receptora, até certo ponto, diz respeito a experiência individual do imigrante. Não exclui com isso que existam fatores negativos e positivos na sociedade receptora que influenciam a um coletivo nacional específico, porém que a forma do sujeito em lidar com as diferenças entre a sociedade receptora e a sua de origem é própria a cada indivíduo.

Assim, a diferença cultural não é objetiva, que possa ser medida e comparada entre duas culturas nacionais, e sim que a percepção de distância cultural é própria a experiência individual quando ocorre o confronto entre elementos culturais familiares e estrangeiros (Ward, Bochner y Furnham 2001; Suanet y Van de Vijver 2009; Hein 2006 apud. Hein 2012). Condições em que a percepção da diferença cultural é maior pelo imigrante, junto a

menor entrosamento com a sociedade local, percebemos mais intensamente os discursos de valorização da cultura familiar com conseqüente desprezo pela cultura receptora.

Todas as abordagens teóricas desenvolvidas no capítulo possuem destaque no campo dos estudos migratórios. A construção do pensamento científico nesta pesquisa exige o diálogo das correntes teóricas com a experiência de campo. Os debates teóricos propostos então surgiram visando uma compreensão aprofundada do fenômeno estudado, uma vez que os dados coletados na pesquisa de campo serão analisados por essa base.

## CAP. 4. COLETIVO BRASILEIRO EM SANTIAGO DE CHILE

### 1. Contexto do trabalho de campo, período e características dos entrevistados

O trabalho de campo foi realizado em Santiago do Chile entre os meses de abril a outubro. Durante esse período algo que teve um impacto relativo na pesquisa foi a instabilidade política e de ajustes econômicos na qual o Brasil estava enfrentando no ano de 2016. Em diversos momentos a temática foi abordada como “crise econômica” ou “crise política” pelo coletivo migrante brasileiro, o que requer algumas considerações iniciais.

Devido ao cenário de conflito político no Brasil foi recorrente que as entrevistas abordassem temas relacionados a política nacional. Era recorrente que ao encontrar brasileiros o assunto era sempre evocado, seja como crise econômica, ou política. As opiniões divergiam substancialmente. Houve entrevistas com integrantes de um grupo que se organizavam semanalmente para discutir conjunturas políticas, com tendência de esquerda. Mesmo que o assunto não tenha uma relação direta com os objetivos da pesquisa, visando alcançar maior representação do coletivo brasileiro, houve também entrevistas com participantes de outro grupo considerado de vertente conservadora.

Os entrevistados foram divididos em dois grupos. No primeiro há os participantes qualificados, indivíduos que trabalham com a questão migratória em Santiago do Chile, especificados no Anexo 01. Em sua maioria são nacionais chilenos, mas não apenas, pois há especialistas de outras nacionalidades. Esses participantes são funcionários do governo chileno, professores de universidades, integrantes de organismos internacionais e de instituições religiosas.

O segundo grupo é do coletivo de brasileiros imigrantes em Santiago, relatados no Anexo 02. Esse grupo é dividido em tipologias: (a) brasileiros/as que tenham sua trajetória pessoal envolvida com o Chile, e por essa razão vieram viver no país. Dentro dessa categoria estão inseridos aqueles que vieram ao país devido a contextos familiares e/ou relacionamentos afetivos com nacionais chilenos.

(b) Brasileiros/as que vieram ao Chile de forma relativamente aleatória, e estando aqui começaram a estabelecer vínculos, porém que não possuíam anteriormente nenhuma relação afetiva ou de história pessoal com o país. Nesse caso entra principalmente as migrações laborais, de indivíduos que buscam melhores oportunidades no Chile mas que elegiram sem bases afetivas estabelecidas.

Essa categorização em grupos e tipos funciona como um ilustrativo para conhecermos melhor cada entrevistado baseado em suas motivações e outras informações pertinentes. A sinalização será para acompanhamento junto aos anexos, presentes ao final da dissertação.

As categorias não são fixas, pois é comum que os relacionamentos afetivos sejam criados a partir de uma viagem inicial de turismo ou como estudante, e assim os vínculos começam a ser formados. Contudo a tipologia foi pensada baseada na etapa atual (para a pesquisa) da vida do imigrante.

Algumas entrevistas são inseridas na pesquisa em relato indireto, com uma mediação do pesquisador. Isso se deve a dois motivos: primeiro pois nem todos os entrevistados se sentiram confortáveis de terem suas entrevistas gravadas, e as entrevistas foram anotadas em cadernos de campo. Na análise dos dados coletados e na transcrição das entrevistas as informações marcadas nos cadernos de campo continham as informações principais, mas poucas falas diretas.

O outro motivo é devido ao método de entrevista em profundidade, que, o pesquisador se insere no meio de vida dos participantes, e transita com eles em diversos momentos onde não são entrevistas formais, mas sim conversas informais. Ocorrendo isso, muitas coisas foram contadas pelos participantes em contextos informais, onde o conteúdo contado não pode ser detalhado exatamente da forma que os entrevistados contaram, o que caracterizaria assim fala direta.

## **2. Entrevistas**

### *ENTREVISTAS QUALIFICADAS E GOVERNO*

Em uma primeira etapa de trabalho de campo buscou-se acumular o máximo de informações possíveis para entender sobre o debate migratório, principalmente dos latino americanos, no Chile. Através das entrevistas qualificadas: instituições governamentais, organizações internacionais, especialistas, acadêmicos, instituições religiosas, enfim, aqueles que atuam com o campo das migrações internacionais em Santiago do Chile. Informações sobre os perfis dos entrevistados ver Anexo 1.

No Chile, dentro do panorama das políticas públicas e da legislação governamental em nível federal não há algo específico voltado a atenção as demanda das populações imigrantes. Há no entanto, segundo a legislação municipal, que “cada município tem autonomia e liberdade para promover projetos públicos que visem sanar problemáticas

locais”. Assim sendo, até 2016, são três os municípios da região metropolitana de Santiago que possuem projetos administrados pelo governo local de atenção e orientação aos imigrantes, são eles: Quilicura, Recoleta e Independencia.

Um bloco de entrevistas foi realizado em dois desses municípios, que são conhecidos por forte presença de imigrantes. O primeiro é Recoleta, município residencial, não muito longe do centro, com fácil acesso de metrô e ônibus. Segundo é Quilicura, município um pouco mais longe de Santiago (em torno de 40 minutos desde o centro), com um bom acesso de ônibus. É uma cidade movimentada, cercada por um pólo industrial e empresarial.

As entrevistas tiveram o propósito de coletar informações sobre os imigrantes nesses dois municípios. Entre as perguntas realizadas destaco: quais são as principais nacionalidades, seus perfis socioeconômicos, qual trabalho estava sendo desenvolvido pela instituição entrevistada, qual o papel do governo em relação aos imigrantes nessa região, quais informações possuíam em relação aos brasileiros que viviam ali, entre outras.

Em Recoleta, a entrevista foi realizada com Delia, encarregada do programa de atendimento aos imigrantes, departamento localizado dentro da municipalidade e criado em 2013 como parte da política de assistência social do então prefeito do município. Delia afirmou que a imigração brasileira no município é muito baixa, sendo realizado atendimento direto com apenas 3 mulheres. A funcionária afirmou que elas vieram a Santiago acompanhando seus maridos chilenos e que eram bem participativas na comunidade. Contou também que foram apenas em busca de informações gerais, nenhuma demanda específica. Reconhece haver mais brasileiros/as no município, porém estes não buscam atendimentos básicos, segundo ela são pessoas de classes socioeconômicas mais altas que o público que costuma atender - sujeitos em situações de vulnerabilidade social. Sua percepção é de que o coletivo brasileiro estaria buscando os espaços sociais e laborais sem necessariamente passar pelos aparatos do Estado chileno.

Em Quilicura a entrevista se sucedeu com uma assistente social que trabalha na *Oficina Municipal de Migrantes y Refugiados*, e um assessor jurídico da mesma oficina. Segundo os funcionários, as principais razões que tornaram o município de Quilicura um local central de imigração é devido sua localização, cercada de centros empresariais e pequenas indústrias, e as redes de contato criada entre os imigrantes. O município foi considerado pela ACNUR como “*municipalidad solidária*”, devido a ser considerada uma cidade aberta aos imigrantes, e com uma boa relação com eles através de políticas locais voltadas a esse grupo.

Sobre os imigrantes que vivem em Quilicura, são de extratos sociais mais baixos. A *oficina municipal de migrantes y refugiados* realizou diagnósticos sociais em busca dos problemas que estavam sendo enfrentados pelos imigrantes na região. Foram constatados dificuldades com temas relacionados a saúde, trabalho e a educação.

As principais nacionalidades do município são haitianos, bolivianos, colombianos e atualmente muitos venezuelanos. Sobre os brasileiros relataram ser, junto aos uruguaios, o coletivo latino americano menos presente na região. Os funcionários disseram conhecer três brasileiras, que junto a suas família daria no máximo 10 brasileiros. Mesmo assim estimou que houvessem na região um máximo de 50 brasileiros/as.

Entre os programas desenvolvidos na oficina está o de formação de mediadores culturais, uma parceria do ministério do desenvolvimento do Chile com a fundação Enrique Duran. O objetivo do programa foi capacitar alguns 'líderes imigrantes' para que atuassem em situações de conflitos, principalmente entre os nacionais e a população imigrante. Conflitos esses que anteriormente eram levados a justiça, o que sobrecarregava o sistema judicial. A maioria das denúncias efetuadas é por nacionais chilenos, envolvendo questões de moradia, aluguel. Outras denúncias por temas de violência.

Entretanto, segundo os funcionários entrevistados, a violência não é um tema tão comum, e nem a discriminação. Mesmo assim disseram que houve alguns casos de preconceito principalmente no meio virtual, nas redes sociais, inclusive o site da internet da prefeitura foi alvo de ataques ofensivos aos imigrantes. Mas nos atendimentos diretos com os imigrantes, dizem não ouvir muitas reclamações sobre preconceito. Segundo a opinião dos funcionários isso se deve ao fato do município ser uma região de gente mais trabalhadora e mais humildes, o que cria um senso maior de comunidade homogênea e de solidariedade de classe.

Concluíram a entrevista dizendo que sobre a questão racial, as pessoas mais velhas são mais preconceituosas, mas os jovens são bem mais abertos a inclusão, e não estariam reproduzindo preconceitos nem discriminação. Ao fim destacaram o fato de que inclusive tem se mudado características étnico-raciais da população chilena, devido ao nascimento de filhos/as das relações dos nativos com os coletivos imigrantes, afirmam “ estão nascendo chilenos negros, algo relativamente novo”.

Avançando na pesquisa, houve entrevista com instituições internacionais, tais quais a Organização Internacional para Migrações - OIM e a Anistia Internacional. A OIM tem atuado próximo ao governo chileno, através de consultorias e assessoria. A entrevista foi feita com Felix Martínez Núñez, assessor de desenvolvimento e projetos da instituição. A pauta da

conversa foi como o funcionário vê a migração latino-americana para Santiago e as formas de atuação da OIM. Também foi perguntado especificamente sobre a imigração de brasileiros, e sua opinião sobre a possibilidade de governos considerarem alguns imigrantes como ideais.

Entre as problemáticas relatadas por Felix, está a questão das “vivendas”, isso é, das habitações onde parcela dos imigrantes latino-americanos vivem em Santiago. São relatadas como casonas antigas, com grandes problemas de estrutura física e de higiene, que devido a questões geográficas como em alguns períodos o intenso frio e os terremotos fazem dessas habitações locais inseguros para viver. Ainda teriam o problema de estarem super lotadas. Felix diz que tal problemática foi mais presente na década de 90, contudo continua recorrente, uma vez que, após um forte terremoto em 2010 que atingiu Santiago, o governo chileno emitiu ordens de despejo a várias dessas casas por terem sua estrutura física danificada e em risco de desmoronamento, desalojando vários imigrantes latino-americanos de seus lares.

No que se refere as imigrações brasileiras diz não ter informações, e pela sua vivência pessoal afirma que esse coletivo poderia ser considerado um coletivo mais qualificado, e que pela falta de utilização dos serviços de atendimento do governo chileno esse coletivo, assim como os argentinos, estariam invisibilizados no país.

No INCAMI, instituto religioso que atende a questão migratória no Chile, a entrevista foi feita com Juan, funcionário do instituto, e foi uma entrevista bem específica sobre o coletivo migrante brasileiro.

No geral, Juan disse não haver uma demanda forte por atendimentos primários com brasileiros, pois segundo ele, os brasileiros em Santiago possuem uma boa condição social. Relatou que o instituto realiza algumas celebrações próprias para o coletivo brasileiro, como por exemplo, uma feijoada beneficente, missas são realizadas em português uma vez ao mês e organizam no mês de junho uma festa junina, onde, na última realizada, estima que compareceram em torno de 600 pessoas.

Mesmo afirmando que o coletivo brasileiro não representa um público que busque os atendimentos no instituto, relatou alguns casos que, quando cruzados com o relato de outros entrevistados, abrem espaço para problemáticas invisibilizadas. Relatou o caso de Palmíria, uma mulher de Belém do Pará, com idade aproximada de 40 anos, que estava em um relacionamento conflituoso com um chileno. Foi relatado que estava com um marido alcoólatra que a agredia física e psicologicamente. Porém a razão de buscar o instituto foi em busca de cestas básicas, e se encontrava com a saúde debilitada.

Outro caso é de Timoteo, um senhor que entrou em contato buscando trabalho, porém que, segundo Juan, se encontrava em um estado psicológico afetado. Era oriundo de São Paulo, foi encontrado algumas vezes em condição de rua. Ao final Juan acredita que Timoteo foi para Talca, região norte do Chile.

Juan relata também que houve alguns garotos que entraram em contato buscando trabalho. Esses rapazes eram do Nordeste e possuíam baixa condição econômica. Juan diz que os garotos ao final conseguiram trabalhos, o que considera não ser algo tão difícil atualmente. Um outro caso do qual Juan se lembrava era de um outro jovem que havia buscado ajuda profissional, mas que após alguns encontros resolveu trabalhar por conta própria. Segundo relato de Juan: “era meio doidinho, mas se virava cantando na rua, era um artista”.

Quando questionado se os representantes governamentais brasileiros em Santiago teriam contato com esses casos, ou se haveria algum potencial ponto de apoio aos brasileiros, Juan afirmou:

Quando a pessoa vai sozinha (às instituições de direito) não consegue o que busca, mas quando o instituto intervêm, através de uma carta ou algo do tipo, o órgão resolve. Há representantes que vem nas feijoadas, o instituto possui um bom relacionamento com outras instituições.

A percepção de Juan sinaliza que o apoio do governo brasileiro dependeria dessa intervenção pois algumas das pautas que são levantadas parecem necessitar de uma mobilização, onde um caso não seja tratado individualmente, mas dentro de um contexto que exija uma ação coletiva. Isso porque as atividades do consulado e da embaixada são mais destinadas a outros tipos de atividades que não o atendimento a demandas sociais.

### *AFETIVA E FAMILIAR*

Entende-se de fluxos migratórios internacionais não como processos individuais de mudanças a outro país mas como dependente de uma quantidade de pessoas. Assim, caracterizar o fluxo como relacionado a questões afetivas e familiares é interpretado quando um grupo de pessoas migram com essa motivação. De fato, não seria de se estranhar que entre dois países que não possuem um histórico migratório comum, não há contexto de guerra em nenhum dos países e nem profundas crises econômicas, o fluxo motivado por relações afetivas e reencontro familiares poderá sobressair.

De acordo com a percepção de Sandra, que se mudou a Santiago em 1994, houveram três fluxos diferentes de imigração brasileira a Santiago desde que ela mora na cidade. O 1ª

foi de “madames diplomáticas”, um grupo de mulheres ricas casadas com políticos ou gente do corpo diplomático, que possuíam grande prestígio social e grande poder de influência.

Nesse momento essas mulheres possuíam uma rede entre elas, organizavam o ‘chá das brasileiras’ chamado ‘aquarela do Brasil’. Eram poucas pessoas, todas mulheres, e era organizado na casa delas mesmo, algo bem elitizado. Viviam em setores nobres da cidade, a organizadora possuía descendência alemã e vivia em zona nobre, Victacura, em uma mansão onde organizava esses eventos. Elas se sentiam na obrigação de receber os brasileiros. Quando o fluxo foi se intensificando elas passaram a fazer os eventos em espaços comuns, em ‘playgrounds’. Todavia continuava grupos seletos, mesmo que um pouco menos elitizado. Nesses espaços elas se ajudavam mesmo, inclusive muita gente me ajudou (Sandra, brasileira, 45 anos).

O 2º fluxo foi de mulheres casadas com empresários, que também possuíam muito dinheiro e influência. O 3º movimento foi em torno do ano de 2005, devido ao interesse do movimento cultural do axé onde segundo ela, popularizou o fluxo, isso é, pessoas de baixo poder aquisitivo, nesse caso citou a vinda de nordestinos, disse que via eles vendendo redes na rua. Criou-se uma segmentação entre os brasileiros ricos com tendências políticas mais conservadora e de ‘direita’; e outros mais populares com posicionamento político ‘de esquerda’. Entre essas mulheres ricas de direita, haviam mulheres de grandes empresários, a exemplo da mulher do presidente da CODELCO → empresa estatal chilena de cobre.<sup>19</sup>

Destaco em sua fala a pertinência de diferenças sociais brasileiras em contexto migratório. Pontuando o debate de Bourdieu sobre *habitus* e *prática*, no qual estipula semelhanças no modo cultural e na forma de organização entre as classes, ou frações de classes. Esses segmentos se identificam devido a fatores que vão além da questão econômica, se referindo a um modo de ser que os une, oriundos de uma vivência similar. A esfera da vida cotidiana na qual determinada classe está inserida os distingue e cria agrupamentos segmentados baseados em posições políticas, gêneros musicais, leitura, estética, arte, etc. (Bourdieu, 2007).

Em uma análise da obra de Bourdieu diz que o autor se refere a esses fatores como capital acumulado, e adquirem peso dentro do cenário de diferenciação social, dentro do escopo da ‘origem familiar’, também em uma perspectiva social e cultural. Assim, “as práticas culturais incentivadas por essas duas instâncias, distinguem aquilo que será reconhecido como gosto legítimo burguês, de classe média ou popular” (Alves, 2008:2). E ainda:

---

<sup>19</sup> A fala de Sandra entra na pesquisa como sua percepção pessoal desses fluxos, a partir de sua relação com os eventos. As datas e a ordem dos acontecimentos são variados e não há o intuito de validar-los como verdade científica, sendo considerados como história de vida, parte de indícios dos eventos aos quais a participante presenciou.

O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, então, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo-os todavia de todos aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis. (Alves, 2008:3)

Características do que seriam os primeiros fluxos migratórios de brasileiros a Santiago, por mulheres de alto capital social seguido por fluxos incentivados pela chegada do ritmo cultural considerada popular – axé, proveniente de uma região de menor hierarquia nacional - Nordeste, sugere a conformação de distintos segmentos políticos, regionais e culturais dentro desse fenômeno migratório. Em linhas gerais, a nacionalidade brasileira por si só não é um fator aglutinador, pois há outros condicionantes entendidos como símbolos de distinção social que levam a maior segregação. Quando o fluxo inicial é pequeno, a exemplo da fala de Sandra dos grupos majoritários de mulheres ricas casadas com chilenos ou devido a transferência profissional de seus cônjuges, em oposição ao fluxo popular de nordestinos, esse processo se torna mais claro. É sinalizado que com a popularização e aumento da intensidade dos movimentos migratório de brasileiros ao Chile os grupos e as redes foram ficando mais seletivas e individualistas.

Entretanto fica faltando ainda um grupo considerável de outros indivíduos que possuem linhagem familiar bi-nacional, comuns em diversos movimentos migratórios. Na representação desta pesquisa, dos 17 participantes, 4 se mudaram ao Chile devido ao parentesco com nacionais. A maioria desses, 3, vieram a Santiago ainda na adolescência, durante os anos 90 e começo de 2000, acompanhando seus pais. Esses que possuem uma vivência mais longa com o Chile foram aqueles que são considerados os “brachilenos/as”. O que é de certa forma relativo, já que mesmo que uma das participantes tenha ido viver no Chile a menos de 2 anos, o que torna sua experiência pessoal muito mais vinculada ao que considera ‘seu lado brasileiro’ e por isso não se considera “brachilena”, pode ser uma questão de tempo, uma vez que ela teria a legitimidade para entrar na categoria.

Como dito anteriormente, a identificação como “brachileno/a” é feita com uma conotação normalmente positiva, mesmo que com pontos de incômodo. Flora, chegou em Santiago em 1997, filha de uma mãe brasileira com um pai chileno. Ela relata que veio a cidade devido a transferência de emprego de seu pai, quando ainda era adolescente. Segundo ela:

Acho incrível minha bi-nacionalidade, aproveito ela muito, como estudei aqui no Chile e lá no Brasil tenho uma bagagem cultural muito rica e na verdade adoro ter o coração dividido, viver diferentes experiências, mesmo que isso seja doloroso em alguns momentos (Flora, brasileira/chilena, 32 anos).

Ellen, uma “brachilena” também é de origem materna brasileira e paterna chilena. Diz que sua mãe sempre a criou dentro da cultura brasileira, da qual ela considera uma mente mais aberta, fazendo a comparação negativa com a cultura chilena. Afirma que sua principal proximidade com a cultura brasileira sempre foi através da música. Diz transitar entre as duas culturas, e afirma conseguir identificar e separar as duas (brasileira e chilena).

Para Ellen, os estereótipos das duas culturas são muito claros. O nacionalismo é pontuado em questões comportamentais - asseio, simpatia, desinibição - mais que aspectos físicos. Esses pontos que foram considerados como da identidade brasileira fazem contraponto ao oposto, do que seria a identidade chilena – pouco cuidado com a estética, antipatia, conservadorismo.

Em uma conversa com Valentina, filha de mãe chilena e pai brasileiro, relata sobre como percebe sua identidade. Ela tem experiência em viver nos dois países, além de ter vivido nos Estados Unidos e no México. Afirma sobre a existência de sutilezas, e assim como Ellen cita a questão musical, das quais identifica como sua parte brasileira em oposição a posturas chilenas.

[sobre] a identificação que sinto com meus amigos brasileiros e não sinto no Chile. é a sensibilidade cultural, musical, e que aqui não se entende muito. não sei... você está no Brasil tá todo mundo batucando na mesa, e é natural, a coisa vai, flui. Aqui no Chile o povo fica meio ‘o que você está fazendo?’. Mas se nota essas pequenas sutilezas. Por exemplo com meus amigos chilenos...ademais eu sou muito sensível, no Chile fazem muitas zuação (piada ofensiva), as vezes são muito agressivas e não se dão conta, e para mim, em pessoal, tem a ver com meu lado brasileiro.... no começo me irritava porque eu não conhecia muito, até hoje acho muito agressivo, tenho que rir porque todo mundo ri, porque eu não me identifico com essas ‘piadinhas’. São coisas super sutis (Valentina, brasileira e chilena, 38 anos).

Valentina se refere ao termo “brachilena” quando aborda sobre a sua identidade mista. O termo foi dito de forma espontânea, não tendo sido citado pelo pesquisador em nenhum momento da entrevista. De certa forma, o termo consegue dar significado ao seu sentimento de pertencer as duas culturas e ao mesmo tempo não pertencer a nenhuma completamente, é como uma terceira identidade, com pontos em comum mas também com algo distinto.

Nem todo mundo entende do jeito que a gente vê, e muitas vezes me acontece que eu não consigo compartilhar essas experiências porque ninguém tem a visão que eu tenho de ser brasileira e chilena. As vezes compartilho coisas com amigos brasileiros e eles também não entendem direito mas não é que seja minha parte chilena, é minha parte *brachilena*, então às vezes você se sente meio que ‘ninguém entende as coisas da forma que eu entendo’ (Valentina, brasileira/chilena, 38 anos)

Francisca, também filha de pai chileno com mãe brasileira, foi viver em Santiago já adulta. Por isso não se identifica diretamente enquanto “brachilena”, uma vez que seu comportamento é majoritariamente brasileiro. Segundo ela: sua cara é de chilena, mas seu comportamento todo é de brasileira. Contudo diz ter descoberto seu lado chileno quando veio morar em Santiago, e segundo ela “seu lado chatinho”. Sua narrativa será mais desenvolvida nas entrevistas sobre *identidade e mercado cultural*.

Novamente aqui a identidade brasileira ou chilena é associada a comportamentos, a traços que seriam culturais, próprios a cada nacionalidade. Nesse sentido, pessoas que possuem vínculos familiares buscam em sua identidade quais comportamentos pertenceriam a cada nacionalidade, é como se pelo sangue vir de duas nacionalidades o comportamento estaria fatalmente sujeito a essa dupla identidade. Já as pessoas que possuem relacionamentos afetivos, inclusive aquelas que levam muito tempo em convívio próximo com os nativos, não relataram essa mesma separação interna entre seus comportamentos serem divididos entre os dois países.

A questão dos relacionamentos afetivos pode ser interpretado com base no debate de *intermarriage*. Isso por conta do entendimento de que pessoas com relacionamento afetivo com nacionais tem vantagens frente aos processos de integração com a sociedade receptora. De fato relacionamentos mistos tem sido vistos como uma importante ferramenta de quebra da fronteira social, possibilitando acesso a igualdade e a uma sociedade ‘sem divisas’. Logo, teóricos da área afirmam que o aumento do fenômeno de relacionamentos mistos pode ser interpretado como um sinal da diminuição das barreiras a integração social (Rodriguez-Garcia, 2015).

Contudo, não necessariamente relacionamentos estáveis de nacionais com imigrantes signifique a quebra das barreiras e levam a processos positivos de integração com a sociedade receptora. Por exemplo, na europa existem legislações e mecanismos sociais que visam criar obstáculos ao que eles consideram “casamentos por conveniência”, onde o imigrante estaria apenas buscando a nacionalidade para manter-se no país (Rodriguez-Garcia, 2015).

Na realidade latino americana, não foi encontrado na literatura nem em campo casos como esses. O que sim configura uma questão diz respeito aos marcadores sociais que quando associados a determinado imigrante podem ser considerados negativos. O fenótipo negro e indígena em alguns casos são evocados como fator de segregação quando defrontado com os valores da sociedade receptora.

No caso de Fernanda, mulher negra em relacionamento estável com um chileno conta sua experiência quando uma amiga de seu companheiro, por razão de seu aniverssário,

convida ele para a comemoração, mas pede para não levar sua namorada, Fernanda. O relato é feito quando perguntada sobre se o racismo que enfrenta no Chile viria de desconhecidos na rua, no que ela diz:

Gente desconhecida, mas também já rolou de ter racismo de uma amiga de meu marido chileno, e ela era racista, claramente racista, mas foi uma parada meio cordial. Tipo ela convidou todo mundo para um aniversário, daí (meu marido) disse aí que legal vou levar Fernanda para vocês conhecerem, ela mandou uma mensagem dizendo olha talvez seja melhor você não levar ela porque eu não me sinto bem com pessoas de “outras culturas”, daí você já entendeu o recado né? (Fernanda, 32 anos, brasileira)

O fato de se sentir discriminada por questões raciais em um espaço onde teria maior acesso devido a sua condição de relacionamento afetivo com um nativo, demonstra que uma integração social facilitada é condicionada a outros fatores, como raciais, de gênero e econômicos. Dentro da análise é um exemplo do entendimento “de que imigrante estamos falando e de onde”. O ponto fundamental é que relacionamentos mistos podem até trazer maior acesso a integração com a sociedade receptora, contudo a depender de quem é o imigrante essa integração exige uma condição maior de subalternidade.

Nesse sentido, as desigualdades relacionadas a classe, gênero e/ou raça perpassam a análise dentro dos contextos de relacionamentos mistos. Ocorre principalmente relacionado a certos grupos, a partir dos estereótipos construídos em uma perspectiva de valorização do sujeito europeu. Estereótipos esses como associar grupos de homens e mulheres negras/os latinoamericanas/os e caribenhas/os a comportamentos hiper sexualizados, ou indígenas de serem preguiçosos, entre outros. Em síntese, os relacionamentos misto refletem a estrutura da estratificação social.

Assim, as discriminações frente aos casais mistos podem vir tanto da sociedade receptora, como também da sociedade de origem, dos familiares e amigos, e mesmo pode ser desenvolvido dentro da própria relação, pelo/a parceiro/a. A depender da lacuna social, cultural, política e racial existente no casal interfere na forma que esse relacionamento seja mais aceito ou rejeitado, isso é, nos processos de integração, e ainda, podem levar a desentendimentos e a separação.

[União mista e familiares] geralmente conceitualizam como ideais, enriquecendo o campo *intercultural* ou *híbrido* que constitui uma ponte entre as diferenças culturais<sup>20</sup> que nem sempre contam com histórias bem sucedidas de entendimento

---

<sup>20</sup> (Barbara 1985; Bystydzienski 2011; Kofman 2004, 252; Kofman et al. 2011, 27; Varro 2003; Vucinic-Nescovic 2002; apud Rodríguez-García, 2015).

interétnico. O sucesso ou falha das uniões interculturais, interraciais ou interreligiosas também dependem fortemente de características pessoais, da estrutura social, e , de fatores de classe social, mais do que étnico ou culturais<sup>21</sup>. Como também, relacionamentos mistos não necessariamente implicam na reconciliação ou renúncia de diferenças ou crenças por parte dos dois parceiros, no que pode resultar em conflitos e algumas vezes, separação (Rodríguez-García, 2015:16-17).

Contudo, a discriminação em vivências afetivas devido a questão étnica ou racial não ocorre somente da sociedade receptora ao imigrante. Há casos onde o imigrante se considera numa posição de superioridade frente ao coletivo nacional devido a origem e fenótipos europeus. Em uma fala de Eduardo, ele representa uma postura de diminuir e ofender as mulheres chilenas e as indígenas:

Eu não queria vir pro Chile não, imaginava as mulheres todas com aquela cara de índia baixinha e feia e o que me interessa é mulher bonita. Mas depois que eu vi que tinha uma loiras mais gatas em Vitacura, Las Condes (bairros nobres da cidade) eu vi que daria para morar aqui (Eduardo, brasileiro, 25 anos).

Portanto, as relações afetivas de mistas nacionalidades possuem um duplo caráter social, mostram tanto a capacidade de duas nacionalidades conviverem juntas de forma integrada a depender de quanto mais próximo são outros fatores (principalmente classe social e questões raciais), como também expõe as desigualdades e os estigmas presentes na estrutura de cada sociedade, onde o fator nacionalidade se mostra insuficiente como ferramenta analítica.

A atual pesquisa aborda falas de imigrantes brasileiras que relatam sobre desentendimentos com seus parceiros, ou ex-parceiros, de forma a sinalizar importantes contribuições ao debate interétnico e de integração. O assunto será retomado ao longo das entrevistas.

Um outro fator citado nas entrevistas em contextos familiares diz respeito aos que resgatam o passado de seus pais com a ditadura militar. Os dados quantitativos do total de brasileiros/as que vivem atualmente em Santiago devido aos familiares terem sido perseguidos durante a ditadura chilena ou brasileira é de difícil averiguação. Mas somente pelo fato da questão ter sido abordada em algumas entrevistas trouxe a necessidade de trazer a questão de forma qualitativa para a pesquisa.

---

<sup>21</sup> (Rodríguez-García, 2006 apud Rodríguez-García, 2015).

## *FILHOS/AS DO EXÍLIO*

Uma realidade da imigração brasileira ao Chile provém de descendentes de brasileiros/as que foram perseguidos/as e presos/as durante a ditadura de Pinochet. Nesse ponto o interesse da pesquisa é explorar os motivos que fizeram seus filhos/as e netos/as decidirem viver em Santiago e como a experiência que seus familiares passaram está envolvida nessa decisão. Isso porque o processo de violação de direitos dos quais seus familiares vivenciaram, em alguns casos, gerou vínculo institucional ou afetivo com o país, repercutindo neles.

Para chegar a esse objetivo entende-se como necessário dar voz aos relatos desses descendentes de suas visões e conhecimentos sobre a experiência de cárcere de seus pais/avós numa perspectiva de retratação histórica. Com autorização prévia, e por haver acesso em domínio público, todos os nomes utilizados neste subcapítulo não serão alterados, mantendo assim seu caráter de denúncia e seus papéis como sujeitos históricos.

A pesquisa traz então relatos de um brasileiro que teve sua avó presa no Estádio Nacional. Raul vive atualmente em Santiago devido a uma bolsa de estudos disponibilizada pelo Estado chileno destinada a algum membro da família de pessoas que foram perseguidas e torturadas no período da ditadura militar chilena. De acordo com a cartilha “benefícios establecidos por ley a las victimas y familiares de violaciones ocurridas durante la dictadura” consta que o benefício de bolsas de estudos seriam apenas para os filhos de até 35 anos teriam a educação financiada pelo Estado chileno<sup>22</sup>. Segundo relato de Raul quando o/a filho/a não tem interesse o benefício pode ser passado ao neto.

Sua avó, Anatailde Crêspo de Paula, chega em Santiago em 1971, proveniente de um histórico de militância pela esquerda, seus pais eram dirigentes das Ligas Camponesas. Ela chega acompanhada de seus dois filhos, e vivia em uma casa na zona central da cidade. Trabalhava em uma fábrica de livros de tendência socialista, que mais tarde se tornou conhecida por ter sido um importante local de produção e divulgação de materiais políticos. Quando o golpe é instaurado, em setembro de 1973, os funcionários da fábrica sabiam que corriam perigo, e aconselharam todos a não saírem para a rua. Contudo, ela sai em busca de seus filhos numa escola em Providência, zona central e próxima ao centro do combate. Dessa experiência Raul conta sobre uma situação de guerra civil, onde policiais prendiam e atiravam em quaisquer pessoas que considerassem suspeitas.

---

<sup>22</sup> <http://bibliotecadigital.indh.cl/bitstream/handle/123456789/96/beneficios.pdf?sequence=4> Acessado em: 30/01/2017

Nesse dia ela é salva enquanto passava por um tiroteio a céu aberto, por um morador que a tirou da rua e a abrigou em sua casa, onde consegue entrar em contato com a escola e é avisada que seus filhos estão bem, então aconselhada a retornar a sua casa. Momentos mais tarde, ela é presa saindo de seu apartamento. Seus filhos e sua mãe conseguem chegar até a embaixada da Suécia - que tornou-se um refúgio para os dissidentes políticos .

Ela então é levada em um ônibus, junto com outras pessoas, para o Estádio Nacional. Ali os deixam sem direito a nenhuma informação sobre o que estava ocorrendo e nenhum contato externo ao local. Essa seria sua prisão pelos próximos 8, 9 dias junto a um sistema organizado de violência por parte do regime militar. Em certo momento de seu cárcere ela é interrogada por soldados do exército brasileiro, na intenção de demonstrar cooperação entre os regimes militares entre os dois países, para mostrar que não haveria ninguém que a ajudaria, parte da estratégia de tortura psicológica. Relata também diversas ameaças de morte, inclusive com simulação de fuzilamento. Ao final consegue um visto de expulsão do país junto ao embaixador da Suécia.

Sobre Raul, ele veio a Santiago estudar filosofia em uma universidade nacional. Como dito anteriormente, ele recebe descontos devido aos programas de governo que lhe garantem alguns benefícios para estudar. Mora com sua namorada que também é brasileira, que estuda e pratica circo na cidade. Está envolvido em debates políticos, e participa de diversos eventos orientados a manter vivo os relatos de abusos e reparação histórica no período da ditadura chilena. Certamente a história política da qual sua família vivenciou com o Chile trouxe o interesse de Raul em viver em Santiago.

Outro caso é a experiência de Valentina, que traz que seu pai, brasileiro, foi inicialmente perseguido pela ditadura militar brasileira, motivo do qual fez ele mudar para Santiago, em 1972. Nesse mesmo ano conhece sua futura esposa, que é chilena, e em 1973 com o golpe militar no Chile ele vai preso no Estádio Nacional, onde inclusive conhece a avó de Raul.

Valentina conta que seu pai, no início da década de 70, estudava Ciências Sociais no Rio de Janeiro. Conta que a universidade na qual ele estudava foi invadida pelos militares e que os estudantes que estavam na universidade foram fichados. O Brasil se encontrava no regime de Médici, um período de grande repressão no país, e esses estudantes fichados foram sendo localizados e presos. Devido sua proximidade com os jesuítas, estes lhe recomendaram e o auxiliaram a sair do Brasil e ir estudar em Santiago, na precursora da Universidad Alberto Hurtado, o antigo ILADES (Instituto Latinoamericano de Doctrina y Estudios Sociales).

Além do que, o Chile estava sob o governo de Allende, motivo do qual muitos exilados brasileiros optaram pelo país.

Conta que após o golpe militar, seu pai vai preso no Estádio Nacional. Ele permanece em cárcere até que recebe ajuda externa, entre elas dos jesuítas, que conseguem tirar ele do estádio e o levam a um refúgio de freiras, onde não correria mais risco de morte. Enquanto ele estava nesse refúgio, outros fizeram os trâmites para conseguir retirá-lo do Chile. Sua filha conta que a razão dele ser preso foi devido a uma lista organizada pelo regime militar brasileiro, onde constavam os nomes daqueles que haviam sido perseguidos ou presos no Brasil. Assim que consegue, seu pai foge para a Bélgica, vivendo ainda nos Estados Unidos e depois no México, retornando ao Chile somente 17 anos depois, após a queda do regime militar. Em seu relato:

A chegada ao Chile foi porque minha mãe tirou o ano sabático da UnB (onde trabalhava), e veio fazer uma pesquisa aqui no Chile. Então houve a volta da democracia no Chile, voltamos em 92, a democracia voltou em 90. Quando a gente morava no Brasil, o Ewin já tinha assumido a presidência, ele foi para embaixada no Brasil e minha mãe foi pessoalmente falar com ele na embaixada para pedir que o decreto de expulsão do meu pai fosse anulado. Ele fez, mandou a carta, ainda lembro do dia que a carta chegou em casa, minha mãe gritou. Minha mãe queria voltar para o Chile, e meu pai não podia entrar no Chile. E aí então a gente fez essa primeira viagem familiar. Meu pai de regresso, mas era a primeira vez que a família viajava junto ao Chile. então era um acontecimento. [...]

Já tinham passado 17 anos, então a situação no Chile era diferente, um bando de parente que ele não conhecia, meus primos, que tinham nascido depois. Então tinha todo um acontecimento emocional.

Então depois dessa viagem, minha mãe ela quis vim morar aqui. Então a gente veio, supostamente por um ano, depois o negócio familiar ficou meio estranho, e então que começou a ponte aérea Brasília - Santiago da minha família. Depois de um tempo eles voltaram e aí eu já fiquei. A gente vinha por um ano então eu sempre soube que eu vinha pro Chile mas que eu terminava minha escola em Brasília. Isso não aconteceu, porque a gente começou a ficar mais tempo. Comecei a faculdade aqui, e no meio, os meus pais decidiram voltar, minha mãe ir voltar pra UnB, mas eu falei 'não gente, chega, eu já morei em 4 países eu já sai da escola que eu não queria sair, pelo menos quero terminar minha faculdade aqui'. Eles falaram tudo bem, você fica, e eles voltaram pro Brasil. (Valentina)

Na fala de Valentina, ela traz um pouco sobre as consequências dentro da família de um caso de exílio. O não pertencimento de seu pai em um país trouxe que sua filha experimentasse da mesma instabilidade. Uma vez permitido a volta do pai ao Chile, retoma-se a possibilidade de viver nesse país e com isso a possibilidade de seus filhos (também cidadãos chilenos) efetivamente conhecerem essa parte da família. Valentina nesse caso não é considerada uma imigrante, uma vez que ela é chilena, mas seu nascimento é fruto dos fluxos migratórios de brasileiros na década de 70, consequência das ditaduras militares na região.

Em outras entrevistas com “brachilenos” quando perguntados sobre a história de seus pais com a ditadura, disseram não saber de uma relação direta com a temática. No relato de

Francisca uma “brachilena” que conta que seu pai, chileno, era oficial da marinha e durante os anos 80 desembarcou no Rio de Janeiro e só voltou a Santiago décadas depois por alguns dias em caráter de visita. Perguntado a ela se foi por conta da ditadura que ele não voltou ao Chile ela respondeu: “não sei porque ele não voltou, eu sei que ele ligou para minha vó pedindo roupas e dinheiro porque do Rio [de Janeiro] não sairia”.

### *QUESTÕES DE GÊNERO E ASSÉDIO*

O tema de gênero permeia grande parte do trabalho de campo. Isso porque os relatos das mulheres imigrantes possui uma série de problemáticas próprias a esse coletivo. Em suas narrativas destacamos diferenças no trato com o empregador; insegurança devido ao assédio público; problemas conjugais que envolvem filhos binacionais; processos de aculturação; entre outros.

Da relação com o mercado laboral, percebemos uma tendência desse coletivo em empreender. Veem o trabalho autônomo como uma possibilidade laboral frente às dificuldades de inserção no mercado de trabalho local. O principal ramo costuma ser o de alimentos, vendendo doces e comida brasileira à domicílio, e outros da área de serviços de estética, como cabeleireiras e depiladoras.

As atividades empreendedoras, principalmente das mulheres, constituem como alternativas ao espaço laboral tradicionalmente determinado às mulheres imigrantes: cargos de baixo prestígio social, desproteção judicial e imaginário servil. A atividade empresarial representa então a possibilidade de mobilidade social, ganho maior de autonomia e mais tempo com sua família (Cavalcanti, 2006).

Assim, o trabalho empreendedor seria uma alternativa de enfrentamento da mulher imigrante as desigualdades de gênero e assédios recorrentes dentro do mercado de trabalho formal. A vulnerabilidade feminina dentro do cenário laboral é recorrente em trabalhos de campo que investigam esse tipo de problemática.

Janaína é uma paulista que veio ao Chile depois de conhecer seu marido quando estava de turismo no país. Tentaram viver um tempo em São Paulo até que Janaína engravidou, e decidiram viver em Santiago. Depois de uma relação conturbada decidiram pelo divórcio. Mesmo assim resolve continuar em Santiago. Depois de um tempo conheceu outro chileno e teve mais um filho com ele, e se casaram. Janaína é socióloga, e nunca tinha exercido nenhum trabalho remunerado no Chile, dando prioridade a atenção aos seus filhos

pequenos. Contudo em julho de 2016 consegue um emprego em sua área, e relata suas aflições.

Contou de um caso que ocorreu em seu ambiente de trabalho. Janaína relata que necessitou ir até um bairro mais periférico que não conhecia bem para realizar uma entrevista para o serviço - prática comum em sua área profissional. Chegando até o local sentiu-se muito insegura devido a condição precária do bairro. Em diversos momentos durante a entrevista com um líder comunitário local relatou se sentir coagida. Devido a todos esses fatores concluiu a entrevista antes do previsto e voltou a sua empresa. Diz que sua equipe de trabalho e seu chefe a repreenderam fortemente e que temia pela demissão. Não a demitiram, mas diz que sua vida profissional sofreu grande impacto por essa situação. Passaram a considera-la como uma pessoa fraca, deixaram de solicita-la em trabalhos externos e faziam constantemente piadas e comentários envolvendo sua condição de mulher e imigrante.

Janaína argumentou que algo dessa natureza poderia ocorrer a qualquer pessoa que efetue esse tipo de trabalho, e que é dever da empresa garantir a segurança de seus funcionários. Contudo afirma que não houve mudanças no comportamento de seus companheiros de trabalho e que a situação segue a incomodando, mas que não pode sair da empresa.

Em casos como esse percebemos uma associação de aspectos como gênero e nacionalidade para justificar uma suposta falta em sua atividade profissional. É natural que por ser uma estrangeira possa ocorrer de não estar familiarizada com todos os bairros da cidade, e se sentir mais vulnerável frente a algum nativo que atue com comportamento agressivo. Mas de fato essas não são características singulares aos imigrantes, uma vez que devido a condições econômicas, muitos nacionais não transitam em todo o perímetro urbano de sua cidade, e ao trabalhar em mediação de conflito social cada pessoa reage de distintas maneiras quando expostas a momentos de tensão.

Outra análise desse evento citado diz respeito ao discurso de vulnerabilidade presente em sua fala. Devido sua condição de mulher e de imigrante podemos inferir uma dupla condição associadas a uma sensação generalizada de insegurança, e entender ainda o porquê de seus companheiros de trabalho não assegurar legitimidade em sua ação e discurso. Sua percepção de vulnerabilidade em estar em um bairro desconhecido e periférico para ela lhe colocava em uma situação de perigo em potencial, as outras pessoas de seu trabalho não vivenciam socialmente esses mesmos medos, e não lhe conferiram demasiada relevância. Sua condição de imigrante e de gênero começa a ser vista pela empresa como uma desvantagem para exercer determinado cargo profissional.

De fato a sensação de medo acompanha outras narrativas femininas. Em relação ao assédio sofrido por mulheres imigrantes no país foi perguntado quanto a questão de segurança ao sair pela noite, sobre a sensação de perigo. Segundo Fernanda:

Já peguei taxi e já fui assediada no taxi, tipo, vou pegar um taxi na estação República para descer em Baquedano, bem perto, e o taxista começa: ‘eae o que você vai fazer hoje a noite?’ então eu: vou para casa, e ele: ‘porque eu sou dono de uma frota de taxi estou aqui dando uma volta, você é estrangeira? vou te mostrar a cidade’, eu falei: não moço, faz o seguinte, pare aqui mesmo que eu vou descer, ele ‘não, eu vou lhe deixar em casa’, e eu disse: não vai não, vai me deixar aqui. Ele parou e eu desci e fui embora, mas eu me sinto insegura. Tenho uma amiga colombiana que é pesquisadora, já foi parada na rua e o cara perguntando quanto você cobra pra transar comigo, chamando ela de prostituta, ela deixou de andar de bicicleta de noite por causa disso. (Fernanda, brasileira, 34 anos).

Além do assédio e do perigo em estar nas ruas existem outras problemáticas trazidas pelo coletivo feminino de imigrantes brasileiras.

Em relato de Sandra traz sobre pontos relativos a sua relação familiar. Ela é casada com um chileno, e tem uma filha e um filho. Quando questionada sobre a proximidade destes com o Brasil afirmou ser muito pouca. Seu marido não fala português, e contou que não tem interesse em aprender. Seus filhos também não falam português, e segundo afirmação da mesma “posso obrigar a escutar português, mas não posso obriga-los a falar”. Disse não haver interesse de seus filhos pela cultura brasileira, e em suas palavras: “as vezes acho que eles prefeririam ter uma mãe chilena”. Sandra afirmou que esse distanciamento teria a ver com questões de cunho econômico, uma vez que as brasileiras que possuem mais dinheiro matriculam seus filhos em escolas de português, e frequentam mais vezes o Brasil.

Deste relato podemos avançar sobre o processo intercultural formado dentro de uma família de mistas nacionalidades, e de questões de gênero. A entrega da imigrante a outra realidade nacional atinge espaços íntimos em sua vivência pessoal. Que seus espaços laborais sejam, por vezes, mais restritos e outros tipos de obstáculos sejam encontrados é um discurso recorrente. Todavia algumas mulheres migrantes relatam questões de teor mais familiar, onde sua bagagem cultural e pessoal no Brasil no momento que decidem viver em outro país deixam de ser relevantes.

Nesse sentido há denúncias de mulheres que inicialmente vem ao país com uma expectativa de uma qualidade de vida melhor, porém que podem estar sendo violentadas física e psicologicamente. Na falta de um apoio familiar e uma rede com que contar, algumas delas podem estar passando por graves problemas pessoais.

Em 2015, chamou a atenção o caso de uma brasileira nacionalizada chilena, Elvira Maria Rodriguez López, assassinada pelo namorado chileno Américo Javier Cisternas León depois de uma discussão<sup>23</sup>. O caso é enquadrado pelas autoridades chilenas como crime de feminicídio. Em um relato de uma brasileira que conhecia Elvira diz que ela frequentava eventos que eram organizados por um grupo de brasileiras de alta condição econômica, e que recebia apoio delas, que compravam seus salgados e contratavam seus serviços de buffet. Segundo a entrevistada “essa mulher teve uma vida difícil, o marido chileno morreu e deixou com ela três filhos. Depois começou a namorar um rapaz adicto que acabou por matar ela”.

O funcionário do consulado afirmou ter conhecimento de casos onde a mulher brasileira possa ser vítima de violência doméstica. Contudo o aconselhamento é que essa mulher busque apoio entre as próprias instituições chilenas. De qualquer forma, afirmaram também que o consulado oferece apoio jurídico e social aos brasileiros de forma gratuita. Desses casos diz que o mais comum é mulheres que estão preocupadas com seus filhos, pois não podem sair do país sem autorização do pai. Nesses casos, em desespero, as mulheres podem tentar sair, porém são impedidas pelas autoridades, e se tentam sair de forma ilegal podem ser enquadradas em uma lei internacional de tráfico de menores.

Sobre o assunto, em entrevista a outra mãe brasileira, Paula, que mora no Chile a dez anos e possui dois filhos oriundos de um casamento com um chileno foi perguntado sobre seus filhos terem contato com o Brasil ou com a cultura brasileira. Paula disse “meus filhos amam o Brasil, e de fato sempre que vão ao Brasil, uma vez ao ano, voltam falando que querem morar lá. Eu também tenho muita vontade de voltar, porém me sinto uma exilada aqui, meu marido nunca me daria a autorização para viver com meus filhos no Brasil”.

Casos como esses são relativamente comuns. Sobre isso, Jorge, administrador da página virtual para brasileiros em Santiago, conta de outro caso envolvendo uma mulher que ao chegar no Brasil, onde iria para passar um tempo com o filho de pai chileno, resolveu não voltar mais ao Chile. Jorge a aconselhou que voltasse para resolver judicialmente essa questão, pois caso contrário poderia se tornar um caso de tráfico internacional de crianças, o que agravaria, em muito, sua situação. Para Jorge, muitas vezes a mulher não tem a dimensão da gravidade desses atos, inclusive a ela mesma. Casos de denúncia desse tipo chegam por mensagens privadas a comunidade virtual da qual ele administra, o *Migrakut*.

---

<sup>23</sup> Informação obtida em 22/07/2015 do jornal chileno “cooperativa”.  
<http://www.cooperativa.cl/noticias/pais/policial/femicidio/pdi-detuvo-a-presunto-autor-del-quinto-femicidio-de-2015/2015-02-07/110639.html>

De seu conhecimento sobre problemáticas envolvendo mulheres brasileiras em Santiago, Jorge diz que já acompanhou casos onde a mulher é mais desvalorizada, mais discriminada, principalmente as que vem sozinhas. Fala também sobre o que seria “o caso típico: conhece um chileno vem para outro país e fica em grau de dependência (principalmente financeira) qualquer problema sofre uma ameaça. Deveriam buscar sua independência. Quando você tem a dependência financeiro você tem o controle”.

O consulado aconselha a buscar os serviços de amparo, como as instituições católicas ou a polícia chilena (PDI), sobretudo quando o caso envolve filhos menores de idade. Ressaltou que o Brasil não tem ingerência, autoridade para tratar questões de cunho nacional. Em casos de violência, normalmente o que ocorre é que a denúncia é feita no Brasil, por algum órgão do governo, junto ao Itamaraty para então o Itamaraty acionar o consulado. Acontece que aqui não há uma legislação específica à proteção da mulher, como o caso da Lei Maria da Penha no Brasil<sup>24</sup>.

No Chile existe o SERNAM – *Servicio Nacional de la Mujer*, que é uma instituição nacional que executa os programas nacionais voltados às mulheres, e o *Ministerio de la Mujer y la Equidad de Género* que trabalha mais na esfera legislativa visando impulsionar e modificar leis sobre o tema<sup>25</sup>.

## IDENTIDADE E CULTURA

Falar de fluxos migratórios é também falar de fluxos culturais. Isso porque quando um imigrante chega em outro país ele leva junto sua bagagem cultural, que pode ser mais valorizada ou rejeitada pelo país receptor. Assim surgem os processos de assimilação, de interculturalismo, e de transculturalismo. Em síntese, esses termos significam respectivamente: a perda da cultura em prol da cultura nativa; a existência de duas ou mais culturas no mesmo espaço; e, a existência de múltiplas culturas que dialogam entre si, ora reproduzindo mais a cultural nacional, e ora a cultura estrangeira.

---

<sup>24</sup> “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 80 do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências” (trecho retirado da Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha)

<sup>25</sup> Informação disponível em: <http://www.emol.com/noticias/Nacional/2016/06/03/805987/Como-sera-el-nuevo-Ministerio-de-la-Mujer-y-la-Equidad-de-Genero-y-en-que-se-diferencia-del-Sernam.html>

A imigração favorece, por exemplo, o ramo gastronômico, como é o caso da presença massiva de restaurantes peruanos em Santiago, ou então a entrada de ritmos musicais. É possível também que seja o contrário, a demanda por determinado tipo de comida leve a uma intensidade do fluxo migratório daquele país, ou então que a entrada da cultura musical chegue antes que o fluxo migratório, abrindo oportunidades laborais para pessoas de determinado país.

Assim, do meio ao final dos anos 90 o estilo de música brasileiro “axé” entra no mercado cultural chileno de forma intensa. Junto a esse movimento há brasileiros/as que veem no mercado cultural uma possibilidade laboral. Segundo relato de Gustavo, brasileiro que vive em Santiago desde 1993, afirma que a cultura brasileira chega ao Chile por volta de 1998, principalmente através da música baiana, o axé. Com isso aumenta o interesse da população chilena pelo Brasil, e alguns brasileiros/as veem nisso uma oportunidade profissional.

As escolas de samba surgem pouco depois, acompanhando esse movimento. Em 2014 surge a escola de samba do Centro Cultural Vista Bella, que leva o mesmo nome do centro. Em um evento onde a rainha de bateria da escola, Maite, chilena, passou o título a outra chilena, estavam presentes alguns chilenos e brasileiros cujo interesse principal era a cultura do samba carioca, entre eles a professora brasileira de samba do instituto, Tássia.

Tássia é uma brasileira de Pernambuco que migra a Santiago quando conhece seu marido que estava de turismo no Brasil. Vive em Santiago há 12 anos e diz que seu primeiro trabalho foi como dona de uma loja que foi financiada pelo seu marido. Contudo a loja não deu certo, e ela, que já era dançarina profissional no Brasil, começa a trabalhar com samba no Chile. Quando perguntada sobre o interesse do público chileno a cultura brasileira ela diz:

Graças a deus fui sempre muito bem aceita, *ahora* mas não, devido a crise, não sei, a economia tá um pouco mais baixa de show, mas antes eu trabalhava todos os dias. Trabalho para todo mundo, para quem me contratasse, a grande massa chilena, casamento chileno, graduação dos *niños*, todos os lugares que me agendavam eu ia. Eu ia para sambar, fazer show, animar, carnaval. Vai junto com os batuqueiros, vai as baianas. (Tássia, brasileira, 38 anos).

Sobre a utilização dos símbolos nacionais pelo coletivo migrante, entendo que mesmo que o estereótipo da identidade brasileira seja utilizado como mercadoria, tal qual ocorre com diversos outros estereótipos, isso pode não ser algo próprio ao imigrante brasileiro no exterior. A construção da identidade brasileira é feita ainda em solo nacional, desde processos iniciais de construção de uma suposta unificação nacional, ainda que possa ser intensificado em contextos migratórios.

No que diz respeito ao caso chileno, os brasileiros/as entrevistados relataram conhecimento sobre a suposta identidade nacional “forjada”, e muitos se reconhecem nela, e mesmo entre aqueles que não se reconhecem a priori, afirmam não hesitar utiliza-la como estratégia consciente para usufruto dos benefícios provenientes dessa imagem. Segundo a fala de Robson, brasileiro que mora no país a um ano e seis meses, “brasileiro é uma marca aqui, e vende muito bem. Contudo, isso me incomoda às vezes, porque impede de te verem de verdade, eles olham ‘ah é brasileiro’ então você é feliz alegre sabe dançar”.

Assim sendo, mesmo reconhecendo os benefícios que traz, a exotização do brasileiro é por vezes relatada como algo inconveniente, principalmente no que diz respeito a sexualização feminina. Interessante notar que em relação a sexualização masculina foi relatado como um benefício, sendo inclusive pontuada na fala de um jovem: “no Brasil sou mais um cara feio e mais um brasileiro, aqui sou mais um cara feio *porém* brasileiro”, e completa “vim por sexo”.

Isso ocorre principalmente porque a sexualização feminina é vista por elas mesmas como algo perigoso e ofensivo, pois representa um perigo a segurança delas, como descrito no capítulo - *feminização das migrações*. Muitas relatam o assédio como o principal problema no Chile, e alegam que o estereótipo da brasileira sexualizada intensifica isso. No caso masculino a sexualização relatada não entra como um perigo em potencial, por isso não se configura a priori como uma problemática. Contudo os estereótipos raciais estão presentes em ambos os casos, ao menos no discurso e no imaginário social. Percebemos tal discurso introjetado na fala de uma “*brachilena*” que viveu seus 26 anos no Chile: “as chilenas adoram sair com brasileiros, principalmente os negros, já que eles tem o *pintão* e são conhecidos por serem bons de cama”<sup>26</sup>.

No tocante a discriminação sofrida por brasileiras em Santiago as reclamações seguem relativa ao assédio e outras ofensivas. Em relato, uma brasileira negra traz a denúncia do racismo sofrido por ela. Ela diz que em vários momentos se depara com situações constrangedoras e agressivas, como por exemplo, grupos de mulheres que reclamam próximo a ela da “invasão imigrante”; de um senhor que manda beijos em um vagão do metrô enquanto ela volta para casa; ou de um funcionário do governo que quando solicitado para realizar um trâmite burocrático insere no atendimento uma série de obstáculos adicionais para efetuar o serviço, reclamando constantemente do aumento dos imigrantes latino americanos no Chile.

---

<sup>26</sup> A sexualização do homem negro é associada também a origem nacional, classe social e bagagem cultural, uma vez que quando perguntada se o negro haitiano teria a mesma fama a resposta foi negativa.

Essa brasileira afirma que existe um recorte racial forte, uma vez que ela não teve as mesmas experiências de companheiras imigrantes de pele branca. Sobre a discriminação por questões de nacionalidade continuo com o relato de Robson, um brasileiro baiano, onde diz ser menosprezado quando identificado pelos seus traços físicos como colombiano, sendo revertida a situação quando descobrem que ele é brasileiro.

Sobre o racismo Fernanda relata:

Moro aqui [em Santiago] faz 3 anos mas já frequento a cidade desde 2008 e muita coisa mudou, agora o racismo é mais descarado porque tem mais negro na cidade, em 2008 era bem pouco, e todo mundo meio que não gostava da minha presença mas meio que tolerava ou disfarçava mas nunca era de peso mesmo, agora eu sinto que...tem um detalhe estou passando por uma segunda etapa de sofrer racismo aqui, quando eu usava o cabelo muito comprido eu sentia que eu passava como a mulher exótica sexy, as pessoas toleram, mas agora que eu uso “black” não rola isso não, é preconceito mesmo, e eu sinto muito mais rejeição por parte das mulheres de meia idade, mulheres de 30, de 40, me olham feio, falam coisas no metrô quando eu passo.

[pergunta] Que tipo de coisa que falam?

‘Essa cidade tá cheia de imigrante’, ou me olham com cara feia, ou falam que não gostam de negro já escutei isso no metrô, e dos homens é mais assédio, porque aqui rola essa ideia de que mulher negra é prostituta. então eles acham que tem direito de vir e te assediar de abusar, de falar coisas, de tocar, eu já fui tocada em um ônibus, me agarraram no onibus e ai fiz escândalo e tal, agora dos jovens não sinto muito isso não, eu dou aula nunca tive nenhum problema de racismo na universidade. (Fernanda, brasileira, 34 anos).

A identificação brasileira também surge como contraponto, na maioria das vezes positivo, aos costumes e cultura da sociedade chilena. Nesse sentido, na falta de vínculos de parentesco ou afetivos com membros da sociedade receptora, mais severas foram as críticas relatadas. Segundo Carlos, que mora no país a 1 ano, “não estou a vontade vivendo aqui, não há nada que me agrada”, e um outro complementa “Chile é uma Argentina mais chata”. Por fim Francisca, que possui família paterna chilena afirma que sua identidade chilena seria “seu lado chatinho” e completa “ se eu não tivesse vínculo jamais viria morar no Chile”.

Em determinado momento, foi realizado um questionário de forma virtual através de grupos de brasileiros em Santiago pela rede social ‘facebook’, sem intenção de ser representativa em termos probabilísticos. Foi perguntado sobre as maiores dificuldades encontradas pelo coletivo em Santiago, havendo diversas possibilidades de preenchimento, inclusive um espaço “outros”. A participação na enquete foi baixa (12 pessoas), porém em todas as respostas foi relatado dificuldades de socialização com a população chilena, de entrosamento; seguido de problemas com o clima frio.

Para o convívio social existem diversos pontos de cultura brasileira na cidade. Há espaços de valorização da cultura brasileira, como por exemplo, escolas de samba, encontros

religiosos, feijoadas beneficentes, onde há presença de brasileiros que buscam principalmente fortalecer suas redes sociais e espaços laborais.

Esses espaços são ocupados por brasileiros, entre organizadores e público, e por demais comunidades nacionais simpáticas ao país. Festas religiosas como a festa junina. Bares e restaurantes brasileiros na região central e na região boêmia de Santiago. Assim como eventos espontâneos, como por exemplo uma roda de samba organizada como protesto político ao então presidente interino Michel Temer.

Entre os fatores culturais brasileiros valorizados estão: aulas de dança, de ritmos como samba e ‘batucada’ e classes de capoeira, inclusive para crianças. Há uma escola que oferece esses serviços chamada Centro Cultural Vista Bella, localizada em um setor boêmio da cidade. Esse centro organizou em fevereiro um tipo de carnaval. É um polo de reprodução da cultura brasileira na cidade.

Assim, a cultura brasileira não é exclusividade dos brasileiros. No Centro Cultural Vista Bella tem como dono Washington, chileno e organizador do local. Além dos serviços citados o centro vende camisetas com temas sobre a Bahia e é decorado com trajes de carnaval, e instrumentos como o *berimbau*<sup>27</sup> e o *pandeiro*. Ele detalhou sua experiência relacionada as manifestações culturais brasileiras em Santiago e no Chile desde 1998.

Washington relata que, da cultura brasileira, entra em contato primeiramente com a capoeira, em 1998. E sobre isso afirma: “A capoeira me abriu muitas portas, me ensino português, aprendi noções básicas do que são os ritmos, o contato com outras pessoas, e a coisa que considero mais importante de todas: foi o que me fez visitar o Brasil.”

O que passou no ano de 1998 no Chile - que é quando chega essa cultura brasileira ao Chile, muitas das pessoas que chegam ou que aprendem essa cultura e que não eram brasileiros: uma, não dominavam o idioma, ou não tinham conhecimentos formais; e não o viam com maior projeção, se não que faziam por hobby. Quando as pessoas viajam ao Brasil e trazem de lá [conhecimento da cultura] os trazem misturados com o espanhol, e acontece duas coisas importantes nesse processo: uma, que se *chilenizam*, com a questão da batucada, que normalmente se vê nas ruas. Começam a juntar, e também a copiar um pouco, é assim que se faz no Brasil e nós [chilenos] vamos copiar e depois vamos revolucionar (Washington, chileno, 30 anos).

Nesse período - 1998, começa forte o movimento cultural brasileiro no Chile, mas depois Washington diz que vai caindo, entende que foi apenas uma moda passageira. Cita em seu relato Sonia da Silva, ritimista da escola de samba carioca Mangueira, e a apresenta como

---

<sup>27</sup> Berimbau e pandeiro são dois instrumentos musicais presentes na cultura brasileira. O berimbau é um instrumento muito utilizado nas rodas de capoeira, mais presentes no nordeste do Brasil. O pandeiro é um símbolo da música brasileira, sendo conhecido pela sua utilização no samba.

percurssora do samba em Santiago. Cita também José Raimundo, conhecido como *Ceca do Carmo*, capoeirista, e de acordo com Washington: “um dos primeiros brasileiros que chegaram por aqui”, trabalha no Centro Cultural Anhanamabo, como professor de capoeira. Em 2014 há seis escolas de samba em todo o Chile, duas em Santiago – Vovo Santa Matilde e Villa Bella.

Organizaram um evento, em fevereiro de 2016, para fazer um concurso de sambistas. O restaurante brasileiro Boka Loca deu o premio final do concurso. E os demais, eu tinha amigos que gostavam muito o samba, que tocavam em grupos pequenos de pagode, o primeiro foi *Axé Brasil*, e foram tocar nesse dia. Viviam em Valparaíso, tinha também um grupo que se juntava depois dos ensaios da escola de samba pra tocar pagode, chamava *Arte Brasil*. Todos são chilenos. Havia algumas participantes brasileiras no concurso, mas no geral eram chilenas. Uma chilena ganhou, a rainha de bateria de Valparaíso (Washington).

Contudo, introduzir uma cultura externa, mesmo que resignificada, gera também seus desconfortos. Mesmo no Brasil, a cultura das escolas de samba geram controvérsias e embates próprios, a exemplo da análise que expõe sobre a hipersexualização do corpo feminino e da cultura machista que está por trás disso. A cultura de um país vai sendo trabalhada e espaços de resistência e de contestação vão surgindo, e assim vão se desenvolvendo. No caso de exportar a cultura, ela chega ao outro país de forma mais compacta, quase resumida, e pode gerar diferentes interpretações por parte da sociedade receptora, sem um debate sobre aquilo, descontextualizada. Sobre isso Washington afirma:

[...] A maioria das pessoas, quanto aos chilenos que se interessam pelo samba, tem muito machismo no meio, por exemplo, em vez de me perguntar: ‘ei, me ensine a tocar o ritmo?’, o primeiro que perguntam é: ‘ei me apresente as negras’. Eu digo não, se realmente quer participar não vou te apresentar as bailarinas, a escola não está aqui pra isso. Muitas vezes se vem as mulheres dançando samba, mas nunca o homem, então tentamos resgatar a imagem do *malandro*. Através também da capoeira. Esta tudo misturado, tudo que é Brasil (Washington)

Ao final da entrevista afirma que há muitas críticas nesse processo, uma vez que “estariam representando uma cultura que não é a deles”.

Com a capoeira é a mesma coisa, aprenda 100% de capoeira e não a capoeira *chilenizada*. Se for cantar [músicas de capoeira] não vá cantar em espanhol, vá cantar em português. Nós somos apenas um canal. Alguns criticam dizendo que copiamos, sem saber que também temos nossa identidade própria, temos coisas que nos representam (Washington).

A entrevista com Washington demonstra uma preocupação em reproduzir a cultura brasileira de forma mais fidedigna possível. Se cruzarmos esse debate com o dos estereótipos

da cultura brasileira presente no capítulo teórico gera análises interessantes ao transformar a cultura em algo objetificável, algo que possa ser posto em outro contexto, por outras pessoas, e assim resignificar-la com aspectos da identidade chilena.

O valor desses encontros e desses locais para a comunidade brasileira é, no geral, visto como algo positivo. Todos os entrevistados da pesquisa participam em alguma medida desses espaços. Relataram em diversos momentos o sentimento de saudades do Brasil e do modo de vida do povo brasileiro, ainda que seja comum vir acompanhado de diversas críticas.

Sim, reencontrei pessoas da minha própria região e conheci gente de outras partes do Brasil. Isso me ajudou a diminuir um pouco o saudosismo pátrio. Claro que nem tudo foi flores, já tive mais problemas com compatriotas aqui em Santiago que com os próprios chilenos. Verdade seja dita (Ana Helena, brasileira, 35 anos).

Tanto os elogios como as críticas são feitas muitas vezes em caráter comparativo com a sociedade chilena. Os principais temas destacados foram sobre segurança, relacionamentos pessoais e aspectos culturais de cada sociedade.

Aqui demora pra eles terem confiança em você, criar um grupo de amizade, o que por um lado é bom é mais seguro, mas também às vezes fica um pouco complicado. Muita gente diz, 'nossa preciso fazer amigo brasileiro'. As pessoas vem querendo conhecer só chileno, para aprender o espanhol, só que ai ele vê que não vai conseguir *sobreviver* então ele começa a buscar brasileiros. Os brasileiros se unem. Até o pessoal de São Paulo mesmo, que em São Paulo eles tem um individualismo, uma correria, aqui não, todo mundo é sociável, todo mundo quer grupo de whatsapp, de facebook, quer se reunir nem que for pra ir na pracinha, mas quer ter um vínculo (Robson, brasileiro, 28 anos).

Quando perguntado se preferia o Brasil ou o Chile Robson respondeu:

Eu me adaptei aos modos, aos costumes, aprendi, criei mecanismos, usei pontos de fugas, quando falo disso falo de comida, porque tem como você comer comida brasileira, tem restaurantes, veja, tem como você se adaptar, comer igual ao brasil, a balada, os amigos, tem muitos brasileiros aqui, então você pode se adaptar óbvio que eu pessoalmente eu quero conhecer outras culturas, entre chile e brasil eu prefiro aqui, levando em consideração saúde e segurança, é importante você se sentir seguro. Em São Paulo fui assaltado, é humilhante te da impotência. (Robson, brasileiro, 28 anos)

Nesse ponto, é interessante observar que mesmo que os brasileiros afirmem que são um coletivo muito bem quisto pela comunidade chilena, o embate cultural também ocorre. Na fala de Pablo, 37 anos, chileno que trabalha em um condomínio que aluga flats para temporada, quando questionado sobre como ele vê os brasileiros que chegam, e como é trabalhar em contato com eles, relata:

Os brasileiros são um grupo que estão sempre vindo ao Chile por turismo, constante o ano inteiro, mas principalmente no inverno, por conta do frio e da neve. Sobem as colinas para esqui no gelo e outros programas que são considerados caros. Tratam bem os funcionários, porém estão sempre atrás de vantagens, como descontos ou que se mude as normativas em benefícios deles, são bem insistentes. (Pablo, 37 anos, chileno)

Perguntado se nesses casos ele vê como comportamento corrupto ou desviante Pablo respondeu: “não nesse nível. São pequenas coisas, como por exemplo, pessoas que querem entrar (no apart-hotel) antes do horário estipulado sem pagar mais por isso. Algumas coisas a gente pode até fazer por eles, mas há regras que não podem ser descumpridas”.

### *ESTUDANTES E MERCADO DE TRABALHO*

O mercado de trabalho e a universidade representam dois espaços fundamentais para o coletivo imigrante, seja como fator de atração inicial ou para sua inserção social. Dos 17 entrevistados, quatro deles relataram que foram para Santiago em busca de oportunidades laborais e um foi para realizar seu mestrado (vide anexo 2). Entretanto o tema perpassa a experiência de todos, uma vez que mesmo que não tenha sido o ponto fundamental para a mudança de país, em algum momento todos buscam se inserir profissionalmente ou através da universidade.

Em uma conversa com Pedro, um estudante de mestrado da Universidade Diego Portales em Santiago, ele percebe uma facilidade de entrosamento dos estudantes brasileiros com a comunidade chilena. Quando perguntado se os estudantes brasileiros que vem realizar estudos em Santiago poderiam ser considerados imigrantes em potencial, ele afirmou que pessoalmente não tem interesse em continuar no país após os estudos terminarem, e relacionou sua decisão a “grande parte dos estudantes brasileiros”.

De fato a questão de decidir viver na cidade após o término dos estudos é muito subjetiva. Varia consideravelmente em cada caso e não existem informações suficientes que possam levar a uma conclusão sobre o tema. Contudo o espaço acadêmico é, de fato, uma das formas utilizadas para uma inserção, até mesmo privilegiada, na sociedade chilena.

Sobre isso, Jorge, atualmente professor universitário diz:

Tive uma boa receptividade em Santiago, fui muito bem recebido. Associo isso a cultura universitária ser mais receptível. Nunca me senti discriminado. Os brasileiros aqui gozam de certa simpatia, ainda que “estrangeiro seja sempre estrangeiro”. Na minha visão, os brasileiros estariam em uma situação discriminatória mediana, no sentido que não sofrem preconceitos como os peruanos ou bolivianos, mas também não são tão valorizados como os europeus e os estadunidenses. Percebo que estar no país como alguém da academia, através de um

doutorado tem vantagens por ser um espaço mais aberto. Eu inclusive nunca tinha estudado espanhol. Na minha percepção o profissional universitário tem um prestígio maior que no Brasil, pelo fato do doutorado dar uma valorizada. Sob minha vida profissional tive uma boa ascendência, criando contato com vários profissionais latino americanos. (Jorge, brasileiro, 40 anos)

O relato de Jorge não foi o único a trazer que os brasileiros possuíam vantagens sociais frente a outros coletivos latino americanos no Chile. No entendimento de Ellen, *brachilena* afirma:

Com certeza a sociedade chilena aceita melhor o brasileiro do que outros coletivos latino americanos e caribenhos, como os colombianos, bolivianos, peruanos e haitianos. Os brasileiros aqui conseguem cargos de trabalho mais valorizados se for comparar com esses outros coletivos. (Ellen, brasileira/chilena, 27 anos)

Para além do grupo de estudantes que realizam seus estudos seja de graduação ou de pós-graduação no país, existe um alto contingente de turistas brasileiros. Esse fluxo tende a ser constante o ano todo, mesmo que com aumento nos meses de junho e julho devido ao inverno. Segundo fala do funcionário do consulado, estima-se que o número chegue em torno de 400.000 mil turistas brasileiros por ano, o que configura um dos maiores contingentes de turistas brasileiros no mundo.

Devido a esse interesse no país criou-se um mercado de turismo específico ao público brasileiro. De fato mesmo nas empresas de turismo gerais, cientes da alta clientela, se valorizam profissionais que saibam falar português. Entretanto, há casos de empresários/as brasileiros/as que se concentram em ofertar serviços voltados aos turistas conterrâneos.

Uma delas é Maria Rosa, brasileira que possui uma relação afetiva com Franco, cidadão chileno. Franco já possuía algumas empresas e atualmente Maria Rosa trabalha no ramo do turismo específico ao público brasileiro, junto a seu esposo. Ela relatou que em 2016 teve dificuldades no negócio, relacionadas ao que entende como uma crise econômica no Brasil, o que afirma ter tido um efeito negativo no fluxo de turistas brasileiros que buscam seu serviço.

Quanto ao cenário laboral a realidade dos imigrantes brasileiros possui sua particularidade. Como primeira possibilidade de trabalho está os espaços que possuem referência com a cultura brasileira, como restaurantes de comida brasileira, escolas de ensino de dança brasileira ou escolas de idioma português. O trabalho nesses espaços está condicionado às redes de contato entre os próprios brasileiros, que se indicam e oferecem vagas nesses locais. A rede de contatos pode ser tanto por conhecidos (familiares e amigos) como por grupos virtuais através da rede social Facebook.

As páginas das redes sociais de brasileiros servem como espaços onde oferecem seus serviços, principalmente venda de comidas e doces, como por exemplo, entregas em domicílio como os empreendimentos ‘De Bandeja’ e doces ‘Dulcemia’, e outras, como vendas de balas de coco. Entre os negócios destaco também venda de serviços de cabeleireiro e estilista. Esses negócios obviamente atende a todos, mas é interessante perceber em suas páginas virtuais vários relatos de clientes brasileiras/os que foram atendidas/os e dão seus relatos em português. Percebe-se a utilização de vínculos sociais entre os profissionais brasileiros para venda e compra de serviços, a exemplo de publicações de brasileiras que buscam empregadas domésticas que sejam também brasileiras, etc.

Além das ofertas de trabalho e de serviços, nos grupos de brasileiros virtuais são trocadas informações pertinentes a trâmites burocráticos sobre vistos temporários de trabalho e residência, e também sobre o sistema de saúde local, denúncia de estabelecimentos que tenham sido desrespeitosos, denúncia de pessoas suspeitas, pedidos de ajuda, entre outros.

A principal página virtual do coletivo brasileiro se chama *Migrakut*. Em entrevista com o criador e administrador da página, Jorge, ressalta o valor da página como ferramenta para a comunidade brasileira no Chile.

Define a página como uma comunidade de cooperação, e afirma: “a minha experiência pode ajudar se estivermos em situações parecidas”. Todavia diz existirem regras, e que essas devem ser seguidas pelo bem da comunidade. Nesse caso, se refere por exemplo, a não divulgação de conteúdo político. A comunidade se tornou referência em tirar dúvidas e dar apoio a comunidade brasileira em Santiago. Diz que o espírito de rede é: “onde eu entro e recebo informação, assim como passo informações também”.

Jorge relata casos recorrentes de pedidos privados de ajuda, tais como: “estou passando fome, estou na rua, etc”. Diz que a comunidade tem um bom respaldo do Consulado do Brasil no Chile (a única comunidade da qual o consulado se refere em seu site oficial) e com o INCAMI (instituição referência no apoio e atenção aos imigrantes). Isso devido a estratégia envolvida em um maior alcance das divulgações de mensagens e avisos institucionais voltadas a comunidade brasileira em Santiago. Em suas palavras: “o consulado percebeu a importância da rede”.

Como ferramenta social, o Conselho de Cidadãos é outro organismo que presta apoio a comunidade brasileira no Chile. Atua como sociedade civil presente em diversos países que busca, em tese, orientar e dar apoio ao coletivo nacional. No ano de 2016, o órgão era presidido pela Adriana, empresária que busca trabalhar a questão do empreendedorismo com os imigrantes brasileiros em Santiago. Segundo o funcionário do consulado brasileiro em

Santiago, muitos brasileiros chegam ao Chile com muitas expectativas que não são alcançadas, e tentam então abrir um pequeno negócio, mesmo sem conhecer muito bem a maquinaria empresarial do Chile.

Nesse sentido, Adriana realiza cursos de capacitação para que esses brasileiros possam abrir seus próprios negócios. Dentre o maior interesse citado, está a área de alimentação, inclusive sendo citado que era interesse de Adriana realizar um curso voltado a esse tipo de comércio. Isso porque nessa área as leis no Chile são distintas, havendo maior rigor por exemplo, na venda de alimentos em espaços públicos, ou relacionadas a licenças sanitárias. Esse ponto impede o que foi citado como *cultura da informalidade*, entendido como prática comum no Brasil. Como possibilidade de sustento econômico, e alternativa a precariedade do mercado de trabalho, muitos imigrantes buscam abrir uma micro-empresa, a exemplos de oferta gastronômica, ramo de turismo, ou de estética.

De fato, o trabalho empreendedor reconfigura a categoria social do imigrante. Segundo Cavalcanti (2006), a criação principalmente de micro-empresas rompe um estigma do imigrante enquanto causador de problemas sociais, tais quais desemprego, roubo, déficit para o Estado, e o coloca como fonte de desenvolvimento e de gerador de renda (Cavalcanti, 2006).

Além disso, o empreendedorismo imigrante questiona e debilita a ideia do imigrante servil, como mão-de-obra que atua em serviços dos quais os nacionais não tem interesse, que seria a priori, a principal razão do imigrante *existir*. Questiona também o caráter provisório da migração, criando vínculos mais firmes com o país receptor (Cavalcanti, 2006).

Em relação aos trabalhos autônomos, estes também se configuram como possibilidade de sustento econômico aos coletivos imigrantes de forma geral. Além da venda de alimentos, é comum por exemplo a venda de artesanatos, desenhos, tocar instrumentos, dançar, etc. Contudo nesta pesquisa não foi encontrado integrantes do coletivo brasileiro atuando de forma autônoma em outros setores, além do alimentício. Nesse ponto, não foi encontrado nenhum brasileiro/a no principal bairro turístico da cidade, chamado Lastarria, onde vários artistas vendem seus artesanatos na rua, tocam instrumentos e cantam. Coletado relato informal com Jesus, colombiano que vende artesanatos já a algum tempo em uma varanda no bairro, que afirmou não ter conhecimento de brasileiros que realizassem esse tipo de trabalho na região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A academia e o pensamento científico estão inseridos dentro de uma estrutura hierárquica que reproduzem desigualdades históricas. Mantendo como foco de análise a dialética norte rico e sul pobre dentro dos debates teóricos, reforça a dicotomia de poder existente entre metrópole e colônia, onde o conhecimento é centrado na Europa e elaborado, de e para, esse núcleo. Nesse panorama destaco a importância de estudar as migrações sul-sul, com teorias e modelos pensados para a realidade dessa região a partir de intelectuais latinoamericanos.

As migrações sul-sul entram no século XXI como um importante fenômeno a ser estudado dentro das reconfigurações geopolíticas mundiais. Os países que são configurados nessa categoria além de estarem situados geograficamente no hemisfério sul estão referidos também devido a categorização social - são países considerados em etapas de desenvolvimento capitalista tardio. Do reconhecimento das semelhanças e desvantagens<sup>28</sup> que percorre transversalmente esses países em maior ou menor intensidade, surgem programas voltados a cooperação e desenvolvimento entre a região, a exemplo da cooperação sul-sul<sup>29</sup>.

Assim, diferentes análises do fenômeno migratório contribuem para uma percepção mais aprofundada do tema, além de fornecer material para futuras pesquisas. Certamente existem diversos pontos em comum entre os distintos fluxos migratórios, que levam a formular considerações e até mesmo modelos ideais e teorias cujo principal objetivo é entender melhor os padrões do comportamento na atual etapa de desenvolvimento humano. Contudo mais do que padrões científicos, o que mais enriquece o campo dos estudos migratórios é identificar a diversidade presente em cada contexto migratório e como aquela realidade específica pode servir para trazer avanços aos direitos da população migrante.

Ao trazer distintas perspectivas em abordar o tema da imigração brasileira a Santiago buscamos elaborar um panorama amplo sobre esse fenômeno. As entrevistas feitas demonstraram que dentro de um coletivo tão heterogêneo há fatores transversais que permeiam a experiência coletiva.

Fatores esses como o processo de integração e das problemáticas sociais. O tema do racismo e do machismo possui um recorte transversal, pois ele diz respeito a toda uma

---

<sup>28</sup> Alguns desses fatores são o alto endividamento com bancos mundiais, inserção desigual no mercado financeiro internacional, índices sociais precários, desigualdade social, corrupção do sistema político, entre outros.

<sup>29</sup> Termo utilizado para referir a parcerias técnicas, tecnológicas, sociais, de desenvolvimento conjunto entre os países emergentes em resposta a desafios comuns, através dos governos e de instituições como Agência Brasileira de Cooperação - ABC e as agências da ONU.

estrutura societária que marginaliza por gênero e raça, não se limitando a discriminações pontuais. A fala de Fernanda, como mulher negra, de passar por situações racistas nas ruas de Santiago se junta a fala de Washington que relata que homens buscariam as aulas de samba perguntando sobre as negras, desviando do interesse mais lógico que seria na cultura e na música brasileira, e tantas outras.

Devido ao caráter exploratório da atual pesquisa, seu objetivo não haveria de ser alcançado com a descoberta completa da imigração brasileira a Santiago do Chile, pois para isso teríamos que ter mais recursos e maior contingente de investigadores trabalhando para esse propósito. O desenvolvimento da investigação foi realizado então como uma espécie de “mapeamento inicial”, ou mesmo em caráter exploratório, onde esse coletivo pôde ser visto pela primeira vez como uma demanda real. Em diversos momentos da pesquisa com os entrevistados qualificados foi pontuado por eles mesmos o interesse sobre o assunto desenvolvido e a necessidade de coletar e analisar as informações contidas nesse material.

Em linhas gerais, a pesquisa avança sobre o tema migratório com a proposta de elaborar um panorama geral que se desdobra em três pontos que representam a experiência da imigração brasileira a Santiago do Chile:

- 1) Fatores institucionais;
- 2) Fatores socio-econômicos (sustento econômico/vida laboral);
- 3) Fatores psico-sociais (relação com a comunidade e experiências pessoais);

O entendimento das instituições locais é que os imigrantes em Santiago do Chile relatam pouca demanda brasileira, segundo eles, é um coletivo que não busca atendimento nesses serviços, já que, esses atendimentos normalmente são destinados para solucionar questões básicas de saúde, educação e trabalho. De acordo com as instituições entrevistadas o fato dos brasileiros não utilizarem esses serviços seria um indício de que esse coletivo teria condições econômicas mais favoráveis frente aos outros coletivos latino-americanos.

Destaque ao discurso do escritório de atendimento ao imigrante do município de Recoleta, onde vê que a imigração brasileira é prioritariamente de mulheres casadas com homens chilenos, que elas são participativas na comunidade, e que não buscam nenhum serviço de atendimento público. Esse dado de certa forma contrasta com informações de que mulheres brasileiras estariam passando por discriminação, problemas envolvendo filhos binacionais e questões de violência.

No que se refere a fatores de interação, um ponto que não foi abordado diretamente, mas que se deve destacar é o potencial de modificações raciais-culturais dentro da sociedade chilena. A abertura do Chile em receber imigrantes latino-americanos está trazendo mudanças

na elaboração étnico-racial de sua população. Através dos relacionamentos afetivos entre nacionais e imigrantes tem crescido o nascimento de filhos/as binacionais, gerando maior miscigenação em uma população dita “homogênea”. Mais do que isso, a partir de processos de integração migrante, vai gerando alterações na própria cultura chilena, que de fato não deve ser visto como novidade, já que a cultura é algo fluído, em constante construção.

Essa e outras questões mostraram que o fator nacionalidade é insuficiente como ferramenta analítica para pesquisas no campo dos estudos migratórios transnacionais. Há outros fatores que devem dialogar para o entendimento dos processos migratórios como campo de estudos.

Além disso, o fenômeno migratório possui outros fatores de caráter subjetivo, como o desejo de construir um relacionamento saudável com parceiros/as nacionais, mesmo que com todas as complicações envolvidas nessa decisão, ou também a luta para resolver questões pessoais que foram iniciadas na experiência de vida de seus parentes mas que ainda estão vivas e repercutindo. Fatores envolvidos para além da questões de melhoria de qualidade de vida financeira, mas de encontro com sua identidade, de busca pela felicidade, de busca pela autonomia, pela liberdade.

Sobre as dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa podemos citar a falta de bibliografia sobre o histórico migratório do Brasil com o Chile, e por isso foi priorizado o relato oral dos participantes da pesquisa. Assim, com o peso forte dos relatos pessoais dos entrevistados, era preciso conhecer-los bem para assim poder coletar as informações completas, o que tornou o processo de obtenção dos dados longo e demorado. Devido a esses motivos as referências bibliográficas muitas vezes não foram específicas sobre o caso estudado, e sim referências mais gerais dos fenômenos migratórios internacionais.

A sucessivas tentativas de elaboração de teorias e modelos que não levam em consideração que fatores estruturais dos países receptores por si só não alteram de maneira significativa os fluxos migratórios contemporâneos, porque esses fluxos estão dentro de uma perspectiva histórica e geopolítica onde o contexto mundial atual é de zonas de conflitos intensos e do acirramento da desigualdade. De fato, os fluxos migratórios respondem mais a outros fatores do que ao interesse do imigrante por um país específico. Fatores esses que os fazem buscar basicamente um país do norte global considerado desenvolvido em comparação com seu país de origem, e que haja algum ponto de contato, seja através das redes migratórias ou através do reencontro familiar.

No contexto das migrações sul-sul os fluxos migratórios são entendidos dentro de ondas migratórias relacionadas aos ciclos de desenvolvimento próprios aos países de capitalismo tardio (ou países periféricos). Esses ciclos de altas e baixas econômicas são constantes e levam a mudanças entre os países que ora enviam imigrantes, ora são os que recebem. Os países da região latino americana possuem semelhanças entre seus sistemas econômicos, e devido a isso construíram historicamente uma relação de competição no mercado internacional, principalmente referente a produção de commodities (matérias primas), e não como indústria especializada. Sendo então países com suas economias muito dependentes das oscilações do mercado internacional.

Contudo, os fatores econômicos por si só não respondem as perguntas que podem ser feitas quanto aos fluxos migratórios sul-sul. O que motiva a imigração entre países com sistemas econômicos semelhantes numa conjuntura de reprodutores de políticas neoliberais? Como é articulado os processos de integração dos imigrantes de países com história política semelhante, ao menos no que se refere ao século XX e primeiras décadas do séc. XXI? Quais fatores possuem maior relevância dentro das migrações regionais latino americanas?

Dentro do contexto das migrações internacionais o Chile participa dentro da região como um pólo reprodutor do que ocorre nos países centrais. O interesse pelo imigrante proveniente de setores de baixa condição social é central para o determinado momento do desenvolvimento econômico do país. O suposto imigrante ideal ao sistema é aquele disposto a trabalhar onde seja, pelo salário que seja, o que não tem se configurado como realidade. O espaço laboral para imigração qualificada é restrito, e é nesse ponto onde aumenta a insatisfação dos imigrantes brasileiros. Pessoas formadas e com boas experiências trabalhistas necessitam usar a criatividade para encontrar novas formas para seu sustento econômico.

Entretanto esse é apenas um debate parcial sobre o tema, pois toda a discussão acaba resumida a questões laborais. A realidade sobre o coletivo brasileiro tende a ser no sentido inverso, havendo mais casos de pessoas que quando vão viver no país já possuem vínculos afetivos com chilenos/as, ou outros interesses particulares, e é nesse ponto que formam as bases de sua migração. Em resumo, esse fator contradiz o senso comum que entende a imigração apenas em seu viés econômico, retirando a complexidade e a totalidade do fenômeno migratório.

Sobre isso, encontramos na pesquisa que entre os grupos de participantes que possuíam vínculos afetivos, familiares e amorosos, (anexo 2 – grupo 1.a) e os que no momento da entrevista estavam no país por motivos laborais (anexo 2 – grupo 2.b),

principalmente na área de serviços, neste último foi relatado maior insatisfação pessoal. No grupo 2.b é grande o desconforto com a sociedade chilena com ênfase a dificuldade de integração aos círculos sociais de forma satisfatória, mesmo que todos avaliam haver valorização do sujeito brasileiro pelos/as chilenos/as.

Essa é uma característica das migrações sul – sul, países que possuem economias similares se baseiam em outros fatores para sua justificativa migratória. Contudo, isso não impede que haja um fluxo migratório que seja direcionado às regiões que, em determinado momento, propiciem maiores oportunidades e vantagens estruturais. Junto com os acordos que garantem algumas facilidades, por exemplo, aos cidadãos dos países membros ou associados ao Mercosul, resulta em uma imigração regional específica. Essa imigração possui características próximas ao fenômeno da migração interna, onde os custos – sociais, econômicos e culturais - são reduzidos.

Como pesquisa futura vejo como relevante abordar sobre o “dilema do retorno”<sup>30</sup>. Isso porque muitos brasileiros relataram dificuldades, econômicas e psicológicas, para se manter em Santiago, e pouco interesse em continuar por muito tempo no país. Junto a isso, temos a fala de um funcionário do consulado brasileiro entrevistado em Santiago que relata que o nível de rotatividade entre os brasileiros no Chile é alto, e que a média de seu tempo de permanência é de 4 a 5 anos, o que comparado a outros países é baixo. O funcionário alegou que uma possível resposta a isso teria a ver com a percepção dos brasileiros no que diz respeito a má qualidade das políticas trabalhistas e previdenciárias, tornando o Chile um país pouco seguro em caráter de qualidade de vida a longo prazo.

Mas no geral, a pesquisa alcançou seus objetivos em abordar através de distintas lentes o coletivo brasileiro em Santiago do Chile. Uma abordagem que responde perguntas iniciais sobre os motivos dessa imigração e dos processos relacionados a integração com a comunidade chilena. Assim como um panorama completo sobre como esse coletivo se constitui e suas especificidades frente a outros coletivos imigrantes latino-americanos.

---

<sup>30</sup> Espinosa, 1998.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alencar-Rodrigues, R.; Neves Strey, M.; Cantera Espinosa, L. (2009). *Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres*. *Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 421-430, 2009.

Alves, Emiliano Rivello (2008). *Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 179-184. jan./abr. 2008

Arango, Joaquín. (2009). *Explaining migration: a critical view*. In.: *International Social Science*, 52 (165). Ed. Blackwell Publishers, Oxford; USA, 2009.

Araujo, Katia; Legua, María Claudia; Ossandón, Loreto. (2002). *Migrantes andinas en Chile: el caso de la migración peruana*, Fundación Instituto de la Mujer, Santiago de Chile, 2002.

Arriagada Luco, C. (2014). *Inmigrantes internacionales. Emprendimientos en barrios comerciales de Iquique, Gran Valparaíso y Gran Santiago*. Camilo Arriagada Luco (Org.), Nelson Carroza y Rubén Kaztman. Ceibo Ediciones. Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2014.

Baldin, Nelma; Munhoz, Elzira M. Bagatin 2011. *Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve)*. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011

Beca, Carlos Eugenio; Richards, Cecilia; Bianchetti, Lucídio, 2013. *Ernani Maria Fiori: un profesor brasileiro en tierras chilenas – testimonios*. *Educ. Real.* vol.38 no.3 Porto Alegre July/Sept. 2013. [en línea]:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362013000300017&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000300017&lang=pt)

Baeninger, Rosana (2003). *Migração Internacional na América Latina: o caso dos brasileiros*. In.: *Políticas Migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI*. Org. Carlos Eduardo de Abreu Boucault; Teresa Malatian. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

Baeninger, Rosana; Patarra, Neide (2004). *Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica- Brasil no Mercosul*. I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP. Caxambu- MG, Brasil, 2004. [disponível em]:

[http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_alap/PDF/ALAP2004\\_244.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_alap/PDF/ALAP2004_244.pdf)

Bourdieu, Pierre (2007). *A distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Rs. Zouk, 2007.

Cano, Verónica; Soffia, Magdalena. (2009). *Los estudios sobre migración internacional en Chile: apuntes y comentarios para una agenda de investigación actualizada*. *Pap. poblac.* vol.15 no.61 Toluca jul./sep. 2009

Cardoso de Oliveira, Roberto (2006). *Caminhos da identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15. 2006.

Cavalcanti, Leonardo (2006). *O protagonismo empresarial imigrante a partir de uma perspectiva de gênero: o caso das brasileiras nas cidades de Madri e Barcelona*. In Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7 (pp. 1-7). Florianópolis: Editora Mulheres.

Cavalcanti, Leonardo; Solé, Carlota; Parella, Sònia. (2011). *La inmigración brasileña em la estructura socioeconómica en España*. Gobierno de España, Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madrid: Observatorio Permanente de la Inmigración (OPI). 2011.

Couto e Silva, Eduardo; Holloway de Souza, Gustavo. (2008). *A primeira rede da diáspora científica brasileira - brasileiros com alta qualificação contribuindo para o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil*. Brasileiros no mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior. Brasília, 2008. Fundação Alexandre Gusmão.

Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública, 2016. *Anuário Estadístico Migratório 2005 - 2014*. Gobierno de Chile, Santiago, 2016 [en línea]: [www.extranjeria.gob.cl](http://www.extranjeria.gob.cl)

Espin, O. (1987). *Psychological impact of migration on Latinas: Implications for psychotherapeutic practice*. Psychology of Women Quarterly, 489-503

Espinosa, Victor M. (1998). *El dilema del retorno: migración género y pertenencia en un contexto transnacional*. Zamora, Mich. El Colegio de Michoacán, México, 1998.

Escudero, Camila (2016). *O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das brasileiras em Chicago (EUA)*. REMHU - Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXIV, n. 48, p. 179-196, set./dez. 2016

Funari, Pedro Paulo; Zarankin, Andrés. 2006. *Arqueología de la represión y la resistencia en América Latina (1960-1980)*. Córdoba: Encuentro Grup Editor, Argentina, 2006.

Gaspari, Elio (2002). *A ditadura escancarada*. Companhia das Letras. São Paulo, Brasil, 2002.

Haesbaert, R., Santa Bárbara, M. (2007). *Des-ordenamento territorial e migração brasileira nos vizinhos do Mercosul*. In. Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo, 19 a 25 de abril de 1999. Org. Heinz Dieter Heidemann, Sidney Antonio da Silva. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2007.

Hein, K. (2012) *Migración y Transición: hijos de inmigrantes de origen latinoamericano en su transición de la escuela al trabajo en Chile*. Si Somos Americanos vol.12 no.1 Santiago jun. 2012. Universidad de Santiago de Chile, Santiago, Chile

Kranau, E., Green, V., & Valencia-Weber, G. (1982). *Acculturation and the Hispanic woman: Attitudes toward women, sex-role attribution, sex-role behavior, and demographics*. Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 4(1), 21-40.

Kosminsky, E. (2004). *Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York*. Cadernos Pagu, 23, 279-328.

Lafortune, Jeanne; Tessada, José. (2016). *Migrantes Latino Americanos en Chile: un panorama de su integración social, económica y financiera*. BID y OMIN. Santiago de Chile, 2016

Machado, Igor. (2004). *Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação*. Rev. Antropol. vol.47 no.1 São Paulo, 2004

Machado, Luiz Toledo (1999). *A teoria da dependência na América Latina*. Rev. Estudos avançados 13 (35), 1999. [disponível em]:  
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n35/v13n35a18.pdf>

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria (2012). *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

Margolis, Maxine L. (2008). *Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro"*. Rev. de Antropologia. Vol. 51 Nº 1, jan-jun 2008, 283-302.

Ministério das Relações Exteriores (2016). *Brasileiros no mundo – estimativas*. Ministério das Relações Exteriores, Brasil 2016.

\_\_\_\_\_ (2009). *Brasileiros no mundo – estimativas*. Ministério das Relações Exteriores, Brasil 2009.

Moraes Silva, M. A. (2007). *Contribuições metodológicas para a análise das migrações*. In. Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo, 19 a 25 de abril de 1999. Org. Heinz Dieter Heidemann, Sidney Antonio da Silva. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2007.

Muñoz, Heraldo. (2010), *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Pedemonte, Nicolás R.; Amode, Nassila; Rencoret, Jorge Vásquez; (2015). *Racismo y matrices de "inclusión" de la migración haitiana en Chile: elementos conceptuales y contextuales para la discusión*. Polis vol.14 no.42 Santiago dic. 2015.

Picón, Azul (2016). *Opressões sem fronteiras para as mulheres migrantes*. In. Por um olhar mais humano sobre as mulheres migrantes. Rev. Migrações na Atualidade, ano 27 – nº 105, Centro Scalabriniano de estudos migratórios, CSEM. Nov. 2016

Pyke, K. & Johnson, D. (2003). *Asian American women and racialized feminities: "Doing" gender across cultural worlds*. Gender & Society, 17(1), 39-53

Rivas, Ana M<sup>a</sup> Rivas. (2009). *Pluriparentalidades y parentescos electivos. Presentación del volumen monográfico*. Revista de Antropología Social. Universidad Complutense de Madrid, 2009.

Rodríguez-García, Dan. (2015). *Introduction: Intermarriage and Integration Revisited: International Experiences and Cross-Disciplinary Approaches*. The Annals of the American Academy of Political and Social Science 662(1):8-36, November 2015. From:

[https://www.researchgate.net/publication/283052107\\_Introduction\\_Intermarriage\\_and\\_Integration\\_Revisited\\_International\\_Experiences\\_and\\_Cross-Disciplinary\\_Approaches](https://www.researchgate.net/publication/283052107_Introduction_Intermarriage_and_Integration_Revisited_International_Experiences_and_Cross-Disciplinary_Approaches) [accessed Jan 26, 2017].

Said, Edward W. (2003). *Reflexões sobre o exílio*. In. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Companhia das letras, 2003.

Sasaki, Elisa Massae (2007). *Brasileiros no Japão: os nikkeis e a identidade nacional japonesa*. In. Mundo em movimento: ensaios sobre migrações. Org. Giralda seyferth [et. Al.] Santa Maria: UFSM, 2007.

Sassen, Saskia (1998). *As cidades na economia mundial*. São Paulo, Studio Nobel - coleção megalópolis, 1998.

\_\_\_\_\_ (2003). *Los espectros de la globalización*. Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, Argentina, 2003.

Schneider Marques, Teresa Cristina (2013). *Frágeis e perigosos: a repercussão internacional da violência contra estrangeiros durante o golpe de 1973 no Chile*. Civitas, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 182-198, jan.-abr. 2013

Slachevsky Aguilera, N, (2015). *Una revolución neoliberal: la política educacional en Chile desde la dictadura militar*. Educ. Pesqui. vol.41 no.spe São Paulo Dec. 2015

Stefoni, Carolina. (2011). *Perfil migratorio en Chile*. Organización Internacional para las Migraciones, OIM. Oficina regional para America del Sur. Buenos Aires, Argentina, 2011.

Thayer, Eduardo (2011). *Trabajo y género: la condición social de inmigrante como referente para la definición de la identidad*. En: Stefoni, Carolina, ed. Mujeres inmigrantes en Chile ¿mano de obra o trabajadoras con derechos? Chile, Ediciones Alberto Hurtado. Colección sociología, personas, organizaciones, sociedad. Santiago, 2011.

Schoorl, Jeannette (1995). *Determinants of International Migration: Theoretical Approaches and Implications for Survey Research*. In. Causes of International Migration. Proceedings of a workshop Luxembourg, 14-16 December 1994. EUROSTAT. Brussels, Luxemburg, 1995.

## ANEXO 1

(características dos “informantes” qualificados)

**Entrevistado 1** – Felix – de origem argentina trabalha na Organização Internacional para as Migrações – OIM em Santiago, Chile. A entrevista foi realizada no escritório do funcionário com prazo aproximado de uma hora.

**Entrevistado 2** – Juan – INCAMI. Trabalha em uma instituição religiosa de atendimento aos imigrantes.

**Entrevistado 3** – Delia – Departamento Recoleta. Funcionária do governo chileno, a entrevista foi feita em sua oficina de trabalho.

**Entrevistado 4** – Flávio – Consulado. Flávio é brasileiro, no momento da entrevista ocupava cargo no Consulado do Brasil em Santiago a 3 meses.

**Entrevistado 5** – Assistente Social e Assitente Jurídico – Quilicura. A entrevista seria feita com a chefe do programa de imigrantes do município de Quilicura, contudo devido a grande demanda de trabalho a entrevista foi realizada com dois de seus funcionários, que trabalhavam no atendimento direto com os imigrantes.

**Entrevistado 6** – Washington – Centro Cultural Bela Vista.

**Entrevistado 7** – Cláudia – Departamento Extranjería. Cláudia trabalha como pesquisadora dentro da principal instituição do governo chileno que organiza todas as questões que dizem respeito aos imigrantes no país.

**Entrevistado 8** – Roberto – Anistia Internacional. Presidente da Anistia Internacional.

## ANEXO 2

(característica dos participantes - imigrantes brasileiros/as)

### Grupo 1 (a) Migração por contexto afetivo e familiar / político

**Entrevistado 1** – Fernanda, motivo: amor / laboral. Fernanda é pernambucana, se declara negra, mora com seu companheiro chileno, trabalha formalmente como professora em uma universidade chilena, possui alto grau de escolaridade (doutorado), posicionamento político de esquerda, religião não declarada.

**Entrevistado 2** – Renata – motivo: amor. Renata é pernambucana, mora em Santiago com seus dois filhos, é identificada como branca, heterossexual, posicionamento político de esquerda, religião não declarada. Alto grau de escolaridade.

**Entrevistado 3** – Sandra – motivo: amor. Região de nascimento não declarada. Sandra trabalha em um organismo internacional e mora em Santiago. Afirma posicionamento político de esquerda e sexualidade heterossexual. Não declara religião nem classe social. Alto grau de escolaridade.

**Entrevistado 4** – Ana Helena – motivo: amor. Ana Helena é do Ceará, diz vir de uma condição social precária. Possui um relacionamento estável com uma chilena, e sua orientação sexual é lésbica. Possui ensino superior completo, e trabalha em um Call Center.

**Entrevistado 5** – Janaína – motivo: amor. Janaína é de São Paulo, provém de alta classe econômica, e possui identidade racial branca. Heterossexual, religião e posicionamento político não declarados.

**Entrevistado 6** – Maria Rosa – motivo: amor / laboral. Maria Rosa é uma mulher com idade aproximada de 55 anos. De pele branca, com posição política não declarada.

**Entrevistado 7** – Tássia – motivo: amor / laboral. Tássia é de pernambuco, e de identificação negra. Disse possuir condição econômica média. Vive em Santiago com seu marido e trabalha como professora de dança. Nível educacional não informado. Foi identificado uma tendência política mais conservadora.

**Entrevistado 8** – Ellen – motivo: família. Ellen nasceu no Brasil mas foi para o Chile ainda quando criança, viveu toda sua vida no Chile. Atualmente trabalha em um restaurante de comida brasileira em Santiago. Tem aproximadamente 27 anos, de pele clara, com tendência política não declarada. Entra como participante de modo espontâneo, já que foi encontrada por acaso e se mostrou interessada em participar.

**Entrevistado 9** – Valentina – motivo: família / político. Valentina tem 39 anos. Fenótipo branco. No Brasil morou em Brasília, mas é nascida nos Estados Unidos. Morou também no México, e atualmente vive em Santiago. Profissão, jornalista.

**Entrevistado 10** –Flora – motivo: família. Flora entrou como participante depois de conhecê-la em um encontro para artistas. Flora é arquiteta mas também trabalha realizando algumas performances nas ruas de Santiago. Flora é de São Paulo, mas viveu grande parte de sua vida em Santiago, chegando ainda adolescente.

**Entrevistado 11** – Francisca – motivo: família. Francisca trabalha junto com Ellen em um restaurante de comida brasileira em Santiago. Tem aproximadamente 30 anos, e traços físicos bem parecidos com as mulheres chilenas. Nascida no Rio de Janeiro.

**Entrevistado 12** – Raul – motivo: político. Raul tem 23 anos. Fenótipo branco. Proveniente de Pernambuco.

#### Grupo 2 (b) Migração por contexto laboral e estudantil

**Entrevistado 13** – Carlos – motivo: família / laboral. Rapaz de aproximadamente 25 anos, proveniente da Bahia. Fenótipo negro.

**Entrevistado 14** – Eduardo – motivo: laboral. Rapaz loiro, de aproximadamente 25 anos. Proveniente de São Paulo, capital. Alta classe econômica, de posicionamento político conservador.

**Entrevistado 15** – Robson – motivo: amigos / laboral. Homem de aproximadamente 23 anos, fenótipo negro. Proveniente do interior da Bahia.

**Entrevistado 16** – Jorge – motivo: laboral. Homem de aproximadamente 40 anos, de pele branca. Proveniente de São Paulo. Tendências políticas não declaradas. Criador e administrador da comunidade virtual Migrakut.

**\*Entrevistado 17** – Pedro – motivo: estudos. Rapaz de aproximadamente 25 anos. Proveniente do Rio de Janeiro.